



DARK NIGHTS

MIDNIGHT UNTAMED
A Midnight Breed Novella

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LARA ADRIAN

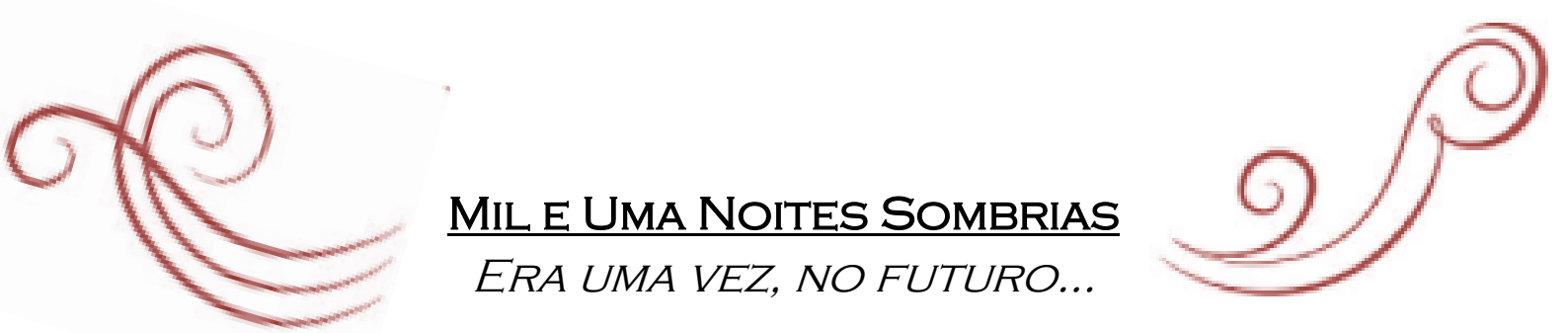


MIDNIGHT UNTAMED
Um conto de Midnight Breed
Lara Adrian

A missão deveria ser simples. Se infiltrar na fortaleza de um inimigo fora de Roma e eliminar seu líder. Para um guerreiro Raça tão letal quanto Ettore Selvaggio, vulgo “Savage”, assassinatos furtivos eram apenas uma de suas muitas especialidades coração-frio. Mas a última coisa que Savage espera encontrar atrás das linhas inimigas — na cama do seu alvo — é uma mulher que adorou uma vez.

Passaram-se anos desde que Savage viu pela última vez a bela Arabella Genova. Anos em que se esforçou para banir seu passado, junto com o feroz desejo que sentiu por Bella... e o irresistível chamado de seu sangue que se agita nele mesmo agora, apesar dela pertencer a outro macho.

Mas quando o destino lança Savage e Bella juntos novamente numa corrida por suas vidas, seu amor há muito perdido será a única mulher sem a qual não pode viver, ou a arma perfeita para destruí-lo?



MIL E UMA NOITES SOMBRIAS *ERA UMA VEZ, NO FUTURO...*

Eu era uma estudante fascinada com histórias e em aprender.

Eu estudava filosofia, poesia, história, o ocultismo, e a arte e a ciência do amor e da magia. Eu tinha uma biblioteca extensa na casa do meu pai e colecionava milhares de livros sobre contos fantásticos.

Aprendi tudo sobre raças antigas tempos passados. Sobre mitos, lendas e sonhos de todos os povos do milênio. E quanto mais eu lia mais forte minha imaginação crescia até eu descobrir que era capaz de viajar para dentro das histórias... de realmente me tornar parte delas.

*Eu queria poder dizer que dei ouvidos ao meu professor e respeitei meu dom, como deveria. Se eu tivesse, não estaria lhe contando esta história agora.
Mas eu fui imprudente e confusa, exibindo minha bravura.*

Uma tarde, curiosa com o mito das Mil e Uma Noites, voltei no tempo até a antiga Pérsia para ver por mim mesma se era verdade que todos os dias Shahryar (em Persa: شهریار, "rei") desposava uma nova virgem, e então mandava a esposa do dia anterior ser decaptada. Estava escrito e eu tinha lido que quando ele conheceu Scheherazade, a filha do vizir, já havia matado mil mulheres.

Alguma coisa deu errada com os meus esforços. Eu cheguei no meio da história e de alguma maneira troquei de lugar com Scheherazade – um fenômeno que jamais havia ocorrido antes e que até então eu não posso explicar.

Agora estou presa nesse passado remoto. Assumi a vida de Scheherazade e a única maneira que posso me proteger e permanecer viva é fazer o que ela fez para se proteger e permanecer viva.

*Todas as noites o Rei me chama e me ouve prolongar contos. E quando a noite termina e o amanhecer surge, eu paro em um ponto que o deixa sem fôlego e ansiando por mais.
E então o Rei poupa minha vida por mais um dia, para que possa ouvir o resto do meu conto misterioso.*

Assim que eu termino uma história... começo uma nova... como a que você, caro leitor, tem agora diante de si.

CAPÍTULO 1

A mansão palaciana a duas horas de Roma brilhava como uma jóia sob o céu noturno estrelado. As luzes brilhando dentro da mansão se alastravam ao longo da movimentação circular na frente, onde meia dúzia de carros esportivos lustrosos estacionavam sobre os paralelepípedos.

Ettore Selvaggio observou como uma bela Ferrari vermelha subia até a vila e ocupava seu lugar entre um Bugatti Veyron prata e um Pagani Huayra azul. Acrescente o par de Lamborghinis, Maserati e outra Ferrari, e havia bem mais de dez milhões de dólares de luxo automotivo estacionados fora da mansão de Vito Massioni. Além de uma coleção de veículos que valiam o dobro dessa quantidade, guardada dentro das baías maciças da garagem privada do macho Raça reputado como traficante.

Se nada mais, Massioni e seus associados criminosos tinham gosto impecável em carros.

— Aparentemente, vender sua alma ao Opus Nostrum paga bem, — ele murmurou para o microfone sem fio que o ligava ao centro de comando da Ordem em Roma. — Está pegando meu visual neste lugar? — Visual reconhecido, Savage.

A rouca voz profunda de seu companheiro, Trygg, nunca foi fácil de ler, e esta noite não era exceção. Não que Savage realmente esperasse que o guerreiro ameaçador apreciasse a frota de belas máquinas italianas pertencentes à Massioni e ao seu bando.

E não importava, de qualquer maneira.

Em poucos minutos, os carros, a mansão, e todos nela não seriam mais que cinzas e fumaça.

Era uma pena pelos carros.

— Status, — Trygg perguntou sobre o fone de ouvido enquanto Savage se agachava para assistir aos próximos fogos de artifício.

— Pacotes foram entregues e o último convidado da festa acabou de chegar. Estamos prontos.

— Coletou o recibo?

— Aqui mesmo no meu bolso, — disse ele, batendo no flash drive a que Trygg se referia.

Vinte minutos antes de Savage chegar a sua posição de observação na colina, ele estava dentro da casa de Massioni numa solitária missão secreta para baixar dados chaves do computador, e depois tirar o alvo. De acordo com a inteligência recém-obtida pela sede da Ordem em Washington, D.C., Vito Massioni era o distribuidor europeu de um narcótico perigoso que transformava vampiros Raça, de outro modo respeitadores da lei, em Renegados assassinos sanguinários.

Esta nova droga chamada na rua de Dragão Vermelho se dizia ser ainda mais poderosa que sua antecessora, Carmesin, que custou incontáveis vidas Raças e humanas quando atingiu as ruas há vinte anos. Agora, graças a Massioni e sua conspiração com o grupo terrorista Opus Nostrum, os surtos de Renegados voltaram a crescer nos Estados Unidos e em toda a Europa, criando pânico entre um público humano já ansioso. Como líder da Ordem, Lucan Thorne deixou claro que queria que o problema fosse cortado na fonte e cortado rapidamente.

Savage estava mais do que feliz de ser aproveitado para a atribuição secreta. Foi um bônus accidental saber que Massioni tinha convocado uma reunião privada com seus tenentes hoje à noite. Assim, em vez de uma captura de dados e assassinato furtivo — uma das muitas especialidades letais que fez Savage ganhar seu apelido na Ordem — o escopo do trabalho se expandiu para eliminação em massa.

Para isso, quatro equipamentos explosivos com poder de fogo suficiente para nivelar um quarteirão inteiro foram plantados na vila de Massioni. Tudo que Savage tinha a fazer era apertar um detonador remoto e a Opus perderia mais um aliado-chave. A Ordem não estava prestes a descansar até que toda a organização fosse desmantelada, a cabala de membros em seu leme desmascarada e destruída.

Savage levantou seu binóculo e olhou para a mansão. Embora sua visão como Raça fosse sobre-humana, as lentes lhe permitiram ampliar

a janela iluminada do grande salão onde Massioni e seus homens estavam reunidos.

Os sete machos Raça evidentemente tinham muito motivo para celebração. Se cumprimentaram com um monte de risos e felicitações, com uma porção de sorrisos insinuantes e reverentes para Vito Massioni, de cabelos negros e nariz de falcão, de seus subordinados. Sem dúvida, o negociante do Dragão Vermelho e seus amigos foram generosamente recompensados por sua parte no aumento de ataques de Renegados nas últimas noites. Savage não podia esperar para enviá-los todos à sua recompensa final esta noite.

— Acenda quando estiver pronto, — Trygg orientou.

Savage sorriu atrás de seus binóculos. — Com prazer.

Olhando para longe da reunião que ocorria dentro da mansão, fez o movimento para recuperar o detonador remoto. Normalmente, não investia em testemunhar a morte de um alvo, mas era difícil não ter alguma satisfação em acabar com a festinha de Massioni esta noite.

Trouxe os binóculos de volta ao rosto — apenas a tempo de ver que uma mulher entrou na sala. A pequena loira usava um vestido vermelho altivo que se agarrava ao seu corpo esbelto como seda líquida. O decote mergulhava baixo na frente, a fenda na saia cortando alto em sua perna, descobrindo um monte de coxa cremosa a cada passo deslizante que a levava até Massioni.

Que porra é essa?

Savage não percebeu que havia uma fêmea na mansão. Não que sentisse muita simpatia por quem se associasse a um bandido como Massioni. E não que isso o impediria de apertar o botão no detonador. Mas mesmo assim...

Seu polegar congelou, pairando sobre o gatilho.

— Mulher não identificada nas instalações, — ele murmurou em seu microfone. — Esperem, base.

— De pé, — Trygg disse. Então fez um ruído baixo, apreciativo, que poderia muito bem ser um assobio de lobo, vindo do guerreiro eternamente inescrutável.

Sim, a fêmea era quente. Savage mal continha seu próprio grunhido primordial ao ver todas aquelas curvas delgadas derramadas numa coluna de seda escarlate. Ele evitava longamente as loiras — por

razões pessoais próprias — mas tudo que era macho nele respondia à visão daquela como uma chama à gasolina.

Ele olhou através das lentes, observando como cada cabeça na sala se virava para olhá-la enquanto se aproximava de Massioni. Assim que esteve perto o suficiente, o braço musculoso do vampiro serpenteou para enganchá-la em volta da cintura, puxando-a com força contra ele enquanto seus amigos sorriam e riam.

Mais do que um dos machos Raça reunidos na sala usava uma expressão de luxúria descarada, enquanto seu patrão apertava o peito da jovem na frente de todos.

Um golpe de repugnância cravou o sangue de Savage por Massioni.

— Não houve menção de uma mulher na informação, — disse Trygg.

— Não, não houve. — A resposta de Savage foi curta, irritação combinada a este elemento não desejado de surpresa. — O relatório do D.C. especificamente afirmou que Massioni está sem companheira, então quem diabos é ela?

— Danos colaterais, — Trygg respondeu igualmente. — Detone as cargas e saia daí.

Savage assentiu, sabendo que era um bom conselho.

Mas seu polegar não se moveu no detonador.

Algo estava começando a incomodá-lo sobre a mulher quanto mais a fitava. Algo que roía o perímetro de sua memória.

— Preciso de um olhar mais atento.

Sem esperar a confirmação de seu camarada, colocou o detonador na grama macia, então apertou o foco em seus binóculos. Não em Massioni ou seus homens, mas nela. A loira linda cujo rosto em forma de coração e traços de duende pareciam de algum modo estranhamente familiares.

O que era impossível, considerando que essa fêmea era claramente o brinquedo de Massioni.

O rosto que brincava nas bordas desgastadas da mente de Savage — e seu coração — não tinha lugar aqui. Não com criminosos e assassinos como os reunidos dentro da vila, prontos para explodir ao seu comando.

Putá merda.

Não podia ser ela.

A voz de Trygg soou em seu ouvido. — Tem problemas aí?

Savage não podia responder a isso. Não quando suas veias estavam se enchendo de adrenalina e uma sensação de apreensão doente começava a ocupar espaço atrás de seu esterno.

Ele aproximou a mulher, os olhos queimando pela intensidade de seu olhar fixo. Ela ainda estava presa dentro da jaula do braço espesso de Massioni, sorrindo indulgentemente enquanto o macho Raça a mostrava como um tipo de prêmio para seus amigos lascivos. Mostrando-a como se o bastardo a possuísse.

Porra. Não deixe que seja ela.

— Status, — Trygg exigiu agora. — O que está acontecendo?

— Não tenho certeza. Acho que a mulher é... — Ele respirou fundo, esperando estar errado. — Cristo, acho que a conheço.

A maldição de Trygg raspou o fone de ouvido. — Maldita hora para uma reunião com uma de suas muitas conquistas, cara. E se a cadela pertence ao nosso alvo, você não a conhece agora.

Não, ele não conhecia.

Não mais.

Inferno, não por muito tempo.

Enquanto Savage observava, Massioni finalmente libertou a mulher de seu aperto possessivo. Disse algo a seus colegas, uma observação que os fez rir. Então Massioni gesticulou para ela com desdém. Seu sorriso plácido ainda no lugar, a bela loira girou para longe dos homens.

Não foi até que ela se virou que a suspeita de Savage foi confirmada.

A prova estava lá na parte detrás de seu ombro esquerdo — a marca escarlate de uma Companheira de Raça. Apenas as mais raras das mulheres tinham a marca de nascença única significando que eram algo mais que mortais.

O pequeno símbolo da lua-e-crescente montava o ombro desta fêmea no ponto preciso que Savage temia que estaria.

— Filha da puta. Não acredito nisso.

Era ela.

Depois de todo esse tempo — quase uma década.

Arabella Genova.

Savage grunhiu quando Massioni brincou com seu traseiro, enviando-a em seu caminho. Sem fôlego, ela saiu da sala com a mesma elegância com que entrou há pouco, Savage seguindo seu progresso com os binóculos num aperto tão forte que deveriam ter quebrado.

Trygg estava certo. Ele não a conhecia agora.

Como a garota que adorara acabara nas mãos de um bandido como Vito Massioni, só conseguia adivinhar.

E não importava.

Savage tinha um trabalho a fazer.

Foi o que disse a si mesmo, mesmo quando tirou os binóculos do rosto e sibilou uma maldição aguda na escuridão.

A Bella que ele conheceu quando garota, todos aqueles anos atrás, era apenas uma lembrança. Esta Bella estava no lugar errado na hora errada, e do lado errado da lei.

Danos colaterais, assim como Trygg disse.

Savage sabia o que tinha que fazer. A Ordem podia nunca mais ter a chance de chegar tão perto de Massioni e seus tenentes novamente. Tudo estava no lugar. A missão estava a segundos do sucesso. Tudo que tinha a fazer era apertar o detonador.

Ele o pegou, olhando para o gatilho que apagaria Massioni e toda sua operação da face da Terra.

E, agora, Bella também.

— Porra.

Savage pôs uma mão sobre sua mandíbula apertada. Seu pulso estava batendo em suas têmporas, seu coração batia pesado contra suas costelas.

— Status, — Trygg disse, uma nota de advertência na voz rouca do guerreiro. — Não gosto do que estou ouvindo por aí, Savage.

Ele não respondeu. Nada que dissesse agora acalmaria seu camarada ou qualquer outra pessoa no centro de comando de Roma.

Savage deixou de lado os binóculos. Depois desativou cuidadosamente o detonador e enfiou o controle remoto no bolso traseiro.

— Aguarde, base. Vou entrar de novo.

CAPÍTULO 2

Arabella manteve a postura até chegar aos seus aposentos particulares no segundo andar da vila. Uma vez dentro, se apoiou contra a porta fechada e deixou sua repulsa vazar para fora num estremecimento. Pelo menos estava ficando melhor na farsa. Houve um tempo em que poderia ter que conter um grito.

Sua pele se arrepiou em todos os lugares onde Vito a tocou. Ela ainda podia sentir os dedos duros em seu corpo, em seu peito. O ardor da ofensiva palmada em seu traseiro queimou sua dignidade ainda mais do que a pele.

Odiava desfilas na frente de seus amigos como seu pônei pessoal, forçada a se vestir e agir como se pertencesse ao grosseiro, criminoso macho Raça.

Embora, para ser justa, em muitos sentidos Massioni a possuía. Sua vida. Sua liberdade. Seu dom original de Companheira de Raça era a premonição — o que primeiramente chamou sua atenção três anos antes. Ele era dono de tudo isso, não importava o quanto ela o desprezasse.

Ele poderia possuir seu corpo também, se ela não tivesse encontrado uma maneira de convencê-lo de que o preço de tomar essa parte sua lhe custaria a única coisa que não podia perder.

A ameaça a manteve fora de seu alcance até agora, mas havia momentos em que sabia que ele estava tentando a testá-la. Ela só esperava não o matar se ele tentasse. Porque não importava o quão inteligente ela quisesse pensar que estava lidando com ele, Vito Massioni sempre tinha uma carta final terrível para jogar.

E enquanto segurasse isso sobre sua cabeça, ela não tinha escolha senão servi-lo.

Ela nunca poderia escapar dele, nem mesmo na morte.

Ele se certificou disso.

Arabella sabia que era melhor não fazer Massioni esperar. Ele a mandou embora para buscar sua tigela de vidência enquanto entretinha seus camaradas lambe-botas no grande salão. Eles estavam regozijando-se com um grande pagamento de um carregamento de Dragão Vermelho para os Estados Unidos e o Reino Unido — um narcótico que destruía as mentes de sua própria espécie, os Raça, criando monstros viciados em sangue com apenas a menor dose. Eles não se importavam que sua sorte inesperada vinha às custas de Raças e de vidas humanas. Ela aprendeu há muito tempo que a ganância de Vito Massioni não conhecia limites.

Nem sua violência.

Que seu dom o ajudasse a acumular sua crescente fortuna, e o poder que vinha com ela, fazia Arabella querer vomitar.

Quantas vezes pensou em dar-lhe uma falsa leitura de sua tigela?

Quantas vezes receou que suas visões um dia se revelassem incorretas?

Mas ela não o enganara, nenhuma vez.

E, felizmente, suas visões nunca estiveram erradas.

Qualquer dessas falhas viria à custa de vidas inocentes. Não a sua própria, mas das pessoas que mais gostava no mundo. A única família que deixou para trás.

Eram essas preciosas vidas que segurava perto de seu coração enquanto caminhava até o gabinete do outro lado do quarto e recuperava a tigela de ouro polido que precisaria para sua leitura lá embaixo. Na realidade, seu dom despertava quando olhava para qualquer poça líquida, mas Massioni insistia que usasse a ridícula tigela carnavalesca ao estilo adivinha para efeito dramático sempre que realizava uma leitura pública.

Encobrindo a tigela rasa em suas palmas, a tirou vazia do gabinete. Seu próprio rosto olhou para ela no reflexo da bacia de ouro polida — mas isso não era tudo.

Atrás dela estava a forma sinistra de outra pessoa.

Um homem.

Alto, imenso.

Um intruso vestido inteiramente num uniforme tático preto.

Bella puxou uma respiração espantada.

O medo passou por ela, mas antes que seu grito pudesse rasgar a parte detrás de sua garganta, uma palma larga se aproximou para cobrir sua boca.

Oh, Deus.

A tigela escorregou de suas mãos, batendo no tapete grosso. Braços musculosos a prendiam por trás, imobilizando-a. Ela cambaleou em suas sandálias de salto alto, arrastada impotente contra o inconfundível calor de um corpo muito forte, muito masculino.

Não o de Massioni. Este não era nenhum dos outros homens reunidos no salão com ele, embora não houvesse dúvida que o macho prendendo-a em seu abraço inquebrável era Raça.

— Não grite, Bella.

Ele falou contra seu ouvido, seu comando grunhido soou num barítono profundo que roçou seus sentidos retorcidos como uma carícia.

Ele sabia o nome dela. Como? Quem diabos era? De onde veio?

Ela lutou e lutou para se libertar, mas ele não a deixou ir. Era muito forte, e nenhuma luta ou resistência a estava levando a lugar algum. Todos os seus grunhidos e gritos de socorro foram apagados pela mão ainda firmemente selada em seus lábios.

Presa, só podia ficar parada lá, sua respiração saindo de seu nariz em rajadas de pânico enquanto o terror envolvia seu coração como um torno.

— Fique calma. Não vou te machucar.

Ele achava que ela era idiota? Não acreditou nele nem por um segundo, não quando podia sentir o poder letal irradiando de seu corpo grande. Quem quer que fosse este homem, era mais que perigoso, e não tinha dúvida de que seu único negócio na vila era a morte.

Ela gemeu, tentando inutilmente afastar-se dele em outra explosão de desespero. Seu coração acelerou, batendo contra a caixa torácica como se estivesse a ponto de explodir. No entanto, apesar de seu alarme, seus instintos começaram a formigar com algum tipo de reconhecimento distante.

Sabia que era impossível, essa estranha sensação de que esse intruso não era estranho. Seu sangue ainda estava acelerado e frio de terror, mas sob o medo havia um crescente sentimento de familiaridade.

Um nome patinava pela sua memória, um que tentara por anos impedir em seus pensamentos e seu coração.

Não. Não podia ser ele.

O belo Raça de cabelos dourados que conheceu todos aqueles anos atrás era um erudito, não um soldado. Ele não teria algo a tratar em um lugar como este, entre bandidos como os reunidos lá embaixo.

Mas também houve um tempo em que teria dito a mesma coisa sobre si mesma.

— Vou tirar a mão da sua boca agora, — ele murmurou.

Enquanto falava, sua respiração deslizou calorosamente contra sua bochecha e ao longo do lado de seu pescoço. Ela estremeceu pela sensação, espantada ao perceber o quão profundamente a afetava, mesmo depois de todo esse tempo.

Porque, sim, conhecia aquela voz baixa e de veludo.

Assim como conhecia o cheiro que a envolvia enquanto estava imobilizada em seus braços. Que os céus a ajudassem, mas carregara o cheiro dele, o som de sua voz num canto privado de seu coração desde que era uma adolescente.

— Não tenha medo, Bella. Não vim aqui para te fazer mal. Balance sua cabeça se compreendeu.

Ela assentiu com a cabeça, e relaxou o aperto. Sua palma caiu longe de seus lábios, deixando uma frieza em seu rastro. Arabella lentamente se virou quando a soltou.

— Oh, meu Deus. — As palavras vazaram dela num suspiro incrédulo. — Ettore.

Mesmo que pensasse que estava preparada para vê-lo novamente agora, seu primeiro vislumbre de Ettore Selvaggio a poucos centímetros de distância foi um completo choque para seu sistema.

Ela trouxe os dedos para seus lábios, o medo substituído por um sentimento esmagador de incredulidade... e confusão.

Embora conhecesse sua voz e seu cheiro, mal reconheceu o rosto duro e desaprovador que a fitava.

Um boné preto cobria as ondas douradas soltas que marcariam suas bochechas magras e anguladas e a mandíbula firme e quadrada. Enquanto sabia que quando ele sorria havia covinhas de cada lado de sua boca exuberante, agora seus lábios esculpidos estavam fixos numa linha sombria e implacável. Seus olhos cor de avelã eram intensos,

suas sobrancelhas baixando enquanto a prendia num olhar de medição que parecia tão perigoso e inflexível quanto seu abraço de há um momento.

— Jesus Cristo, — ele sussurrou numa exalação afiada. Sua expressão endureceu ainda mais. — Realmente é você, Arabella. Eu tinha que ter certeza. Não queria acreditar nisso.

Ela franziu o cenho. Ele parecia tão surpreso ao vê-la como ela estava de olhar para ele.

Dez anos se passaram desde que se viram pela última vez. Dez anos desde que ele esmagou seu coração e se afastou, para nunca mais voltar. Agora, estava de pé, vestido como um pesadelo em equipamento de combate preto e olhando para ela em acusação, como se ela fosse a culpada.

Seu olhar a chamuscou, fazendo-a se sentir fria e exposta no vestido de seda vermelha — que abraçava cada curva — que Massioni insistiu que vestisse esta noite. Sabia o que devia parecer, o que Ettore devia pensar.

Por mais que tudo dentro dela a incitasse a explicar, tinha coisas maiores para se preocupar que sua opinião sobre ela agora.

— Que diabos acha que está fazendo? Como entrou aqui? — Ela não conseguiu esconder o choque em sua voz, ou seu pavor. Se Massioni ou algum de seus guardas descobrisse Ettore dentro da casa, o matariam. E Bella não duvidava por um segundo que seria obrigada a sofrer também. — Está louco? Saia daqui agora, Ettore. Não tem idéia de como é perigoso para você estar aqui.

Ele deu a ela um sorriso que a esfriou. — Não sou o único em perigo. Seu amante e seus amigos é que estão. Eu armei este lugar para explodir assim que apertar o detonador no meu bolso.

Oh Deus. Ela engoliu em seco, aflita ao ouvi-lo admitir o que ela já tinha adivinhado. Ele estava aqui para matar Vito Massioni.

E ela não podia deixar que isso acontecesse.

Porque se Massioni morresse, ele havia prometido que ela e o resto de sua família morreriam também.

Um barulho abafado de riso veio do salão abaixo. Massioni e seus convidados ficariam inquietos em breve. Ela já estava demorando demais. Não podia arriscar que alguém viesse buscá-la.

Não mais do que podia arriscar permitir a Ettore a chance de realizar o que veio aqui esta noite para fazer.

— Desculpe — murmurou ela, balançando a cabeça enquanto se afastava dele. — Desculpe... Ettore, eu não tenho escolha.

Antes que ele pudesse detê-la — antes que ele provavelmente adivinhasse o que estava prestes a fazer — Bella gritou com toda a força de seus pulmões.

CAPÍTULO 3

Houve apenas um segundo de silêncio entre o som do grito de Bella e o pandemônio que se seguiu.

Vozes masculinas gritaram do salão abaixo. Passos pesados de botas começaram a trovejar de todas as direções, enquanto lá fora, os holofotes do perímetro piscavam, iluminando a casa de campo e seus terrenos circunvizinhos num fulgor cegador de luz do dia.

Putá merda.

Não podia acreditar que ela fez isso — traiu sua presença para toda a mansão.

Mas também, não devia ser surpresa. Certamente merecia seu desprezo. Arabella Genova não lhe devia mais nada, nem sequer uma explicação de como acabou nos braços — e possivelmente na cama — de uma escória criminosa como Massioni.

Não tenho escolha, ela disse.

O que queria dizer com isso?

— Bella — ele tocou sua mão, mas ela se libertou, colocando vários passos entre eles.

— Saia, Ettore. — Seus olhos castanhos e suaves estavam desesperados sob suas sobrancelhas franzidas. E, do lado de fora da porta fechada de seus aposentos, parecia que alguns homens de Massioni estavam subindo as escadas até o segundo andar. Ela lançou um olhar ansioso por cima do ombro ao ouvir os passos que se aproximavam do corredor. Sua voz foi um sussurro apertado e temeroso. — Por favor, vá. Saia daqui enquanto ainda tem uma chance!

Jesus, ela estava apavorada.

E o pavor não era dirigido a ele.

Que diabos o bastardo fez com ela?

Savage lançou uma maldição, perdendo segundos preciosos. Tinha uma missão para realizar esta noite — e a faria — mas não antes

que Bella estivesse segura e protegida. Quer tivesse intenção ou não de cooperar com esse plano.

— Venha comigo. — Ele a agarrou novamente, desta vez pegando seu pulso.

— Não. Solte-me! — Ela gritou, projetando sua voz mais alto do que o necessário. Para quem? Massioni e seus capangas? — Eu disse para ficar longe de mim!

— Escute-me, maldição. — Savage segurou seus ombros e forçou-a a encontrar seu olhar. — Estou tentando te salvar, Bella.

Ela zombou bruscamente. — Não pode me salvar. Ninguém pode.

Cristo, ela realmente acreditava nisso. Ele a conhecia muito bem para pensar de outra maneira. Sempre foi capaz de ler suas emoções em seus olhos, naquele rosto encantador que assombrou seus sonhos por mais tempo do que queria admitir.

Quando ela tentou soltar-se, percebeu que havia apenas uma maneira que seria capaz de tirá-la da casa sem lutar com ela a cada passo do caminho.

Podia odiá-lo ainda mais por isso, mas também não tinha escolha. Não estava prestes a deixá-la para trás.

Colocando sua palma contra sua testa, a fez entrar num sono imediato e profundo.

Tão logo ela caiu em seus braços a porta de seu quarto abriu-se e dois guardas armados preencheram o espaço.

Savage estava agachado, tendo apenas guiado o corpo macio de Bella para descansar no tapete. Sua arma já estava puxada e pronta quando o macho Raça entrou no quarto. Ele derrubou os dois com precisão de franco-atirador, duas balas acertando cada guarda entre os olhos.

Haveriam mais atrás deles. Pelo som de caos que se desenrolava em toda a casa, Savage esperava enfrentar todo o exército de bandidos de Massioni assim que saísse da sala.

Felizmente, ele tinha outro plano.

Levantando Bella por cima do ombro no estilo bombeiro, ele correu para o outro lado da suíte, onde uma grande janela dava para a entrada circular abaixo. Um punhado de guardas armados percorria os paralelepípedos, alguns indo para a mansão como reserva enquanto outros se afobavam para patrulhar os terrenos ao redor.

As probabilidades de passar a segurança lá não eram grandes, mas era um inferno de muito melhor do que ter que enfrentar a luta dentro da vila.

Levantando o vidro com um comando mental, passou as pernas sobre o peitoril, e depois caiu no chão com Bella segura firmemente em seus braços.

Ele jogou outra ordem psíquica ao veículo mais próximo, sorrindo para si mesmo quando o motor V12 do Pagani azul ganhou vida. As portas se levantaram e Savage se apressou para deslizar Bella no assento do passageiro e prendê-la dentro.

Um dos guardas de patrulha do perímetro o viu e gritou o alarme para os outros. As balas soaram de todas as direções. Savage se esquivou das balas, mergulhando no assento do motorista do carro esportivo elegante e soltando as portas. Lançando o veículo em marcha, saiu disparado da vila enquanto Massioni e vários de seus tenentes vinham atrás dele.

Savage já tinha o detonador na mão, a segurança ativada.

Apertou o botão, observando no espelho retrovisor como uma bola de fogo súbita acendia e todo o lugar explodia contra o céu noturno. A repercussão fez o Pagani saltar no pavimento, mas ele controlou as rodas e empurrou o pedal do acelerador até o chão.

Não podia negar sua satisfação ao ver a chama ardente e a nuvem de fumaça negra e trêmula atrás dele. Só esperava que os explosivos fizessem o trabalho como pretendido. Normalmente, ficaria para garantir que seu alvo estava neutralizado, mas não esta noite.

Não com a carga preciosa no carona.

Seu olhar se desviou para Bella. Abaixada em seu vestido vermelho de seda no assento ao lado dele, dormia tão pacificamente como um gatinho, a mente ainda presa na teia do transe que colocou sobre ela. A vontade de tocá-la era demais para resistir. Chegando mais perto, ele alisou um cacho louro perdido em sua bochecha.

Porra, estava ainda mais linda do que se lembrava. Já não era a garota companheira de Raça que foi a irmã de seu melhor amigo. Já não era a garota adolescente que costumava se deleitar em correr pelos campos cultivados da vinha de sua família, mas uma mulher de vinte e oito anos de idade, de beleza refinada, que agitava tudo que era masculino.

Sem mencionar seu sangue.

Memórias de uma noite de dez anos atrás veio à vida em sua mente em detalhes vívidos, eróticos. Sua pele morna e nua contra a dele. Seus gritos doces e ofegantes enquanto provava cada polegada virgem de seu belo corpo.

Seu olhar confiante, de coração aberto, enquanto ele fazia amor com ela pela primeira vez — e única.

Como deve tê-lo odiado... depois.

Ele se desprezou o suficiente pelos dois. Se tivesse sido o culpado por empurrar Bella para outro homem — especialmente um como Vito Massioni — ele jamais se perdoaria.

E se quisesse fingir que a tinha esquecido por um momento durante a última década, vê-la ao seu lado agora era como se todo esse tempo tivesse simplesmente evaporado.

Não sabia o que faria com ela agora. Com absoluta certeza ela não era parte da equação quando partiu em missão hoje à noite, mas vê-la novamente mudou tudo. Uma vez que a viu dentro da casa, nada o teria impedido de ter certeza de que ela estava segura.

Nem a própria Bella poderia tê-lo impedido.

Foi-se para uma operação simples ir de acordo com o plano.

Savage afastou o olhar dela e colocou as mãos no volante. Seus olhos fixos na estrada, enterrou o acelerador do Pagani e pegou a estrada que os levaria de volta a Roma.

CAPÍTULO 4

Bella não conseguia acordar do sono que a envolvia.

Nem queria.

Os dedos quentes acariciaram o lado de seu rosto enquanto ela dormia, acalmando-a com um toque que era ao mesmo tempo acolhedor e sedutor. Tão forte. Tão infinitamente gentil.

O toque de Ettore.

Seus sentidos sabiam disso, mesmo que sua mente se esforçasse para compreender. Sua carícia parecia um sonho, mas era real. Tão real como ele, sentado perto o suficiente dela para que seu cheiro enchesse seus pulmões a cada respiração que dava.

Não, isso não era sono.

Isso era algo mais profundo que o sono.

Sua cabeça parecia grossa, como se sua mente estivesse envolta em algodão.

Então se lembrou. O choque de ver Ettore dentro da casa de Massioni. Seu medo ao saber o que veio fazer.

Se lembrava de que ele insistiu para que fosse embora com ele, fosse a um lugar seguro. Quando recusou, ele se aproximou até tocar sua testa...

Ele a pôs em transe!

O ultraje a atravessou. A súbita sacudida de adrenalina e fúria ajudou a sacudir os fios soltos do transe que se desvaneciam. Abriu os olhos e encontrou Ettore olhando para ela. Seu rosto bonito e seus olhos cor de avelã solenes mantinham seu olhar na luz fraca do painel do veículo.

Abaixo dela, o baixo ronronar de um motor vibrou.

— Você está bem? — Ele perguntou, agora retirando a mão de seu rosto.

Ela imediatamente perdeu o calor, apesar do alarme que estava inundando suas veias.

— O que está fazendo? — Ela se aprumou no assento de couro macio. Do outro lado da janela do passageiro, a paisagem noturna era um borrão. Jesus, Ettore estava dirigindo como um morcego escapando do inferno. Ela lançou um olhar ansioso para trás. — Onde está Massioni?

— Não se preocupe com ele. Era meu trabalho lidar com ele. E eu lidei.

Um novo horror a inundou. — Você o matou?

Ettore olhou para ela, sua expressão sombria. — Espero que sim, mas não houve tempo para verificar.

Oh Deus. Não. — Para onde vamos?

Uma linha enrugou sua testa. — Estou levando você para Roma, Bella. Estará mais segura no centro de comando da Ordem lá. Meus camaradas e eu vamos nos certificar disso.

A Ordem. Tão chocada quanto estava ao perceber que o jovem e encantador homem que conheceu há tantos anos vivia agora em violência e morte como membro daquela organização letal, também sabia que ninguém — nem mesmo a Ordem — poderia protegê-la das piores ameaças de Vito Massioni.

Pelo que sabia, já era tarde demais.

— Me deixe sair daqui, Ettore. Deixe-me sair agora.

— O que quer dizer com deixá-la sair? — Ele a olhou como se tivesse perdido a cabeça. — Querida, estamos a cento e vinte quilômetros por hora.

— Tenho que voltar. Por favor, Ettore!

Cheia de preocupação, se atrapalhou com o cinto de segurança, desatando-o e arrancando-o de seu corpo. Tinha que sair do carro e voltar para implorar o perdão de Massioni.

Se ele ainda estivesse vivo.

Meu Deus, não o deixe estar morto.

Não deixe sua família ser morta por causa de sua falha em protegê-los.

Um soluço raspou sua garganta. — Maldito seja, disse para parar esse carro!

Ele desacelerou o carro esportivo rosnando e encostou no acostamendo da estrada vazia. Assim que o veículo parou, ela pulou para fora. Fez uma pausa apenas o suficiente para jogar seus saltos altos na grama, então começou a correr o caminho oposto no cascalho áspero da estrada.

O palavrão de Ettore explodiu atrás dela. — Que diabos está fazendo?

Ele a alcançou instantaneamente, dotado da genética Raça que o fazia mais rápido que qualquer outra criatura do planeta. Ele bloqueou seu caminho, seu grande corpo masculino enchendo sua visão e todos os seus sentidos. Quando tentou se esquivar, suas mãos pousaram firmemente sobre seus ombros, segurando-a onde estava.

— Fale comigo, Arabella. Diga-me do que se trata.

— Minha família. — Ela não pôde conter o arrepio que a balançava quando pensava no que poderiam suportar por sua causa, possivelmente neste exato momento. — Massioni prometeu-me que, se algo acontecesse com ele, mandaria matá-los.

O cenho de Ettore se aprofundou. — Seu pai pode ter algo a dizer sobre isso. Seu irmão, Consalvo, também.

Ela olhou para ele, balançando a cabeça em tristeza. — Meu pai morreu. Depois Sal. Acho que você não sabia. Como poderia, certo? Saiu e nunca olhou para trás.

Ele se encolheu como se suas palavras doessem tanto como uma bofetada. No entanto, quando falou, havia apenas calma, preocupação paciente em sua voz profunda. — O que aconteceu?

— Foi Sal, — disse ela, ainda ferida pela queda de seu irmão em desgraça — e a traição que se seguiu. — Três anos atrás, meu pai cometeu o erro de entregar a vinícola para Sal. As coisas não correram muito bem. Ele era descuidado com os livros. Pior que descuidado. Nenhum de nós percebeu quão profundamente endividado estava o negócio — ou o por quê — até que a companheira de Sal, Chiara, me confiou sobre as apostas. Estava preocupada com ele e com o futuro de seu filho. Mas já era tarde demais. Sal se envolveu com pessoas más, a pior delas sendo Vito Massioni.

Ettore soltou um forte palavrão. — O idiota. Sallie lhe devia dinheiro?

— Muito dinheiro. Mais do que qualquer um de nós poderia pagar. Quando soubemos o que ele fez, Massioni estava sem paciência. Ele torturou Sal, quase o matou. — Bella tomou uma respiração fortificante. — Meu irmão estava assustado e desesperado, com medo por sua vida. Não podia pensar claramente... Pelo menos, foi o que tive que dizer a mim mesma para perdoá-lo pelo que fez comigo.

Ela observou os olhos de Ettore escurecerem com grave compreensão. — Seu irmão é a razão por que está com Massioni?

Ela assentiu com a cabeça. — Vito apareceu em nosso Darkhaven uma noite, junto com uma dúzia de homens armados. Ele não estava lá para negociar. Os homens atiraram em meu pai na frente de todos nós. Sal ia ser o próximo. Ele fez todos os tipos de promessas, ofereceu dar para Massioni a casa, a vinha — tudo que ele pudesse pensar. Nada disso apelou para Vito, é claro. Ele tinha muita propriedade, muito dinheiro. Então Sal olhou para mim.

— Não. — A voz de Ettore caiu num grunhido baixo. — Jesus, ele não fez isso.

Bella engoliu em seco. — Sal contou-lhe sobre meu dom de vidência. Disse a Massioni para imaginar o quanto poderia ser mais rico se tivesse a capacidade de ver o futuro. Sal prometeu que eu valia dez vezes mais do que a dívida que tinha. No final, tenho certeza que estava certo. Massioni me levou embora naquela noite, depois de dar aos seus homens a ordem de matar Sal.

Os olhos de Ettore já não eram escuros, mas crepitavam com fragmentos de âmbar que inflamavam com sua raiva. Enquanto ele falava, as pontas de suas presas cintilaram brancas e brilhantes atrás de seus lábios. — Esse covarde filho da puta. Se seu irmão estivesse vivo agora, eu mesmo o mataria. — Ele estendeu a mão para tocar seu rosto e ela podia sentir o poder de sua fúria sob a ternura de seus dedos.

— Não importa mais. Fiz o que precisava para sobreviver. Chiara e meu sobrinho são o que mais importa para mim. Eles são a razão de eu ter ficado com Massioni. Ele os deixou vivos para ter certeza de que eu nunca o enganaria nem tentaria fugir.

— Bem, ele não pode machucar ninguém agora, — disse Ettore. — A partir desta noite, Vito Massioni está morto ou bem perto disso.

— Não. Você não entende. — Ela deu um passo para trás, balançando a cabeça. Desejava poder ficar lá toda a noite sob o calor de sua carícia, mas seu pavor só estava se intensificando a cada momento. — Não percebe o que fez, Ettore. Ele deu instruções a toda a sua rede criminosa para caçar Chiara e Pietro se alguma coisa acontecesse com ele. Se está morto, eles também. Ou estarão em breve.

Ettore a estudou por um momento antes de sibilar uma maldição apertada. — A viúva de seu irmão e o menino dela — ainda estão na vinícola?

Ela assentiu com a cabeça.

— Porra. Ela fica a três horas na outra direção. — Ele olhou para ela, sombrio, mas resoluto. — Se forcarmos, o Pagani deve nos levar lá em menos de duas.

— Isso significa que vai me ajudar?

— Até meu último suspiro, Arabella. — Ele segurou seu rosto em sua forte palma, seus olhos brilhando com determinação e algo mais profundo. Algo que acendeu uma esperança latente em seu peito e fez suas veias formigarem com calor.

Ela sabia que ele também sentia a mesma emoção. Estava ali em seus olhos brilhantes e nos pontos alongados de suas presas.

Podia tê-la abandonado sem explicação há uma década, mas toda a atração e desejo que existiu entre eles ainda estava lá. Ainda queimando dentro de ambos.

— Vamos, — ele disse depois de um longo momento, sua voz áspera. — É melhor irmos.

CAPÍTULO 5

Chegaram em Potenza em pouco menos de duas horas, graças às estradas noturnas vazias e aos setecentos cavalos que trabalhavam no enorme motor do Pagani.

Savage desviou para uma estreita faixa dupla e se dirigiu para o vinhedo da família Genova, mesmo antes de Bella apontar para dar-lhe instruções. Ele nasceu na mesma província do sul da Itália e, como ela, passou a maior parte de sua juventude caminhando pelos montes vulcânicos do imponente Mount Vulture da região.

Ao contrário de Bella, no entanto, não tinha família própria. Quaisquer que fossem seus pais, haviam desaparecido de sua vida logo após o seu nascimento. Abandonado quando era apenas um bebê, foi criado no orfanato de um Darkhaven após outro até que ficou com idade suficiente para cuidar de si mesmo.

Achava que tinha encontrado algo perto de família quando conheceu o irmão de Bella, Consalvo, na Universidade e os dois se tornaram amigos rápidos. Ele considerava Sal um irmão, ajudou a trabalhar na vinha com a família como se fosse sua.

Durante muito tempo, realmente acreditou ter encontrado um lugar ao qual pertencer.

Ele tinha pertencido... até que seu desejo por Arabella foi descoberto e ele foi informado por seu pai que não era mais bem-vindo lá.

Não era bom o suficiente para sua filha.

Bella merecia algo melhor.

Inferno, Savage não discutia essa afirmação, nem mesmo agora.

Mas quando olhou para ela e viu seu lindo rosto se tornar cinza de pavor ao aproximar-se do longo caminho de cascalho que levava à fazenda na base da montanha, sentiu uma onda de possessividade — e proteção — que não podia negar.

E sentia culpa também.

Por deixá-la do jeito que fez, por deixá-la pensar que não se importava.

Por não estar presente para garantir que nunca conhecesse um momento de dor, mágoa ou medo.

Todas as coisas que podia ver atravessando seu rosto agora.

Por causa dele.

Ela puxou uma respiração aguda quando avistou um sedan preto vazio e sinistro estacionado na metade do caminho até a vila. — Ah não. Ettore, estamos muito atrasados.

Ele apertou seus molares, segurando a maldição que saltou para sua língua. Ela estava certa. Não parecia bom.

Um plano se formou em sua cabeça — um arriscado, mas a melhor opção que tinha.

Não se atreveu a abandonar o carro com Bella dentro dele, e maldito fosse se a deixasse fora de sua vista por mais que um segundo.

— Deslize para baixo o máximo que puder, — ele disse a ela. — Não se mova, Bella. A não ser que eu lhe diga.

Ela lhe lançou um olhar ansioso, mas fez como instruiu.

Ele tirou o boné preto e atirou-o de lado. Em vez de manter seu ritmo cauteloso pela estrada sinuosa, Savage acelerou o motor, deixando os pneus mastigarem a terra e a poeira enquanto rugia pelo caminho até a quinta.

Mais à frente na escuridão, um par de bandidos Raça em ternos pretos rondava o perímetro da casa e os terrenos circundantes. *Merda*. Ambos estavam carregando pistolas semi-automáticas e com pouca paciência. Talvez isso fosse uma coisa boa para os membros da família de Bella.

Savage jogou o Pagani no estacionamento, mas deixou o motor ligado. Uma vez que seu traje podia levantar perguntas que não queria responder, teria que usar sua capacidade única de ofuscação para fazê-lo passar pela suspeita dos outros homens.

Usando a habilidade Raça que o servia bem em sua linha de trabalho furtivo, conjurou uma ilusão que transformou seu uniforme tático num terno preto e alterou seu rosto e cor de cabelo. Então puxou sua própria semi-automática 9mm e saiu do carro como se tivesse todo o direito de estar lá.

— Jesus Cristo, — ele murmurou ruidosamente enquanto caminhava para o homem de cavanhaque na frente. — Onde diabos estão os outros caras?

O sujeito franziu o cenho. — Que outros caras? Pelo que sei, eu e Luigi fomos os únicos chamados para este trabalho. Quem diabos é você?

— O apoio, — disse Savage, dando ao homem um olhar de desdém. Ele gritou para o segundo homem, um macho como uma montanha de pescoço grosso que estava chegando da parte traseira da fazenda. — Por que demorou tanto, Luigi? Encontrou aquela cadela e seu pirralho lá atrás?

Luigi sacudiu a cabeça quando começou a correr para encontrá-los. — Ainda não. Devem ter vazado antes de chegarmos aqui.

Savage grunhiu. — Ótimo.

Ele meteu uma bala no crânio de cada homem antes que qualquer um deles pudesse reagir. Os dois supostos assassinos mortos no chão, correu de volta para o Pagani. Arabella ainda estava encolhida no chão, na frente do banco do passageiro, como a tinha instruído. *Boa garota.*

Ele abriu a porta. — Está bem. Chiara e seu sobrinho não estão aqui e os dois homens enviados para encontrá-los não vão mais procurá-los.

— Graças a Deus. — Ela levantou a cabeça, empurrando-se para olhar para a escuridão onde os homens de Massioni estavam imóveis na grama perto da casa. — Mas Chiara não saberia fugir. Não teria havido tempo de chegar muito longe, especialmente com uma criança de três anos. — Ela olhou para ele, preocupação — e um pequeno raio de esperança — em seus suaves olhos castanhos. — Mas acho que poderia saber onde estão.

Savage estendeu a mão para ajudá-la a sair do carro. Recolhendo a longa saia de seu vestido, passou correndo pelos machos Raça mortos com Savage ao seu lado. Entraram na casa saqueada e ela se dirigiu imediatamente para a sala de amostragem na parte de trás da enorme residência. Uma imensa adega de vinhos era anexada ao quarto, suas prateleiras do chão ao teto cheias de garrafas de quase todas as vindimas que a vinha já havia produzido.

— Aqui, — Bella disse, caminhando para a parede mais distante.

As garrafas alojadas nessas prateleiras pareciam ser as mais antigas da coleção. A maioria estava coberta por uma fina camada de poeira. Puxando uma escada deslizante de madeira em direção a ela, subiu e pegou uma das garrafas mais altas da velha prateleira. Em vez de puxar a velha garrafa de Aglianico, a torceu no sentido horário.

Não era uma garrafa. Era uma alavanca para uma câmara secreta.

Uma seção estreita de vinho estalou e abriu silenciosamente.

Bella lançou um olhar sobre o ombro. — Meu pai instalou esse quarto do pânico durante as guerras após o Primeiro Amanhecer, vinte anos atrás.

Ela começou a entrar. Savage a segurou pelo braço. — Fique perto de mim, Bella. Se alguma coisa acontecer com você, eu não conseguiria...

Ele deixou o pensamento vaguear, mas seu toque demorou mais do que o necessário. Ela deu a ele um olhar curioso, então assentiu.

Entraram na sala vazia e cavernosa. Grandes barris de carvalho, prateleiras de suprimentos de papel e mesas de madeira maciças feitas à mão faziam a câmara secreta parecer nada mais extraordinária do que uma sala de trabalho para a vinha.

Bella só ligou o interruptor de luz quando dentro. — Chiara? — Ela chamou suavemente. — Está aqui? Sou eu, Arabella.

Um pequeno gemido soou em algum lugar atrás dos barris. Então uma pequena morena bonita emergiu das sombras, segurando o filho de cabelos escuros de maneira protetora nos braços. — Bella!

As duas mulheres correram uma para a outra, abraçando-se com as lágrimas de Chiara e as tranquilas garantias de Bella de que ela e Pietro estavam bem agora. Que estavam seguros.

Savage se afastou do reencontro emocional, muito consciente do fato de que cada minuto que demoravam ali era um minuto a mais que arriscavam ser descobertos. Tiveram sorte de que apenas dois dos capangas de Massioni foram enviados para a vinha. Isso não significava que não viriam mais garantir que o trabalho foi terminado.

Os machos Raça mortos no quintal seriam eliminados pelo sol da manhã, mas quem o enviou estaria esperando por eles ou que dessem notícias.

E agora que pensava na luz do dia...

Era tarde, e muito em breve seria o amanhecer. Estavam muito longe para dirigir de volta ao centro de comando antes que o sol nascesse e o incinerasse também, o que significava que precisava encontrar algum lugar seguro para passar a noite.

Agarrando seu telefone, Savage chamou a linha segura da Ordem em Roma para informá-los da situação. Já havia ignorado mais de uma chamada da base exigindo o status da missão. Enfrentaria um inferno quando retornasse, sem dúvida. Provavelmente agora também.

O rosnado sombrio de Trygg o cumprimentou da outra extremidade. — Se divertindo por aí?

Savage grunhiu. — Houve uma ligeira mudança de planos.

— Sério? Isso foi antes ou depois que comprometeu toda a missão para ir atrás de um rabo de saia?

Ok, talvez merecesse isso. Definitivamente merecia. Mas Trygg não entendia, e Savage não tinha tempo para explicar isso agora. — O nome dela é Arabella Genova. Tive que voltar e tirá-la de lá. Vai ter que confiar em mim quanto a isso.

— Não é com minha confiança que precisa se preocupar, — Trygg disse. — O Comandante Archer está numa chamada com Lucan Thorne em D.C. enquanto falamos. Não ficaram felizes em ouvir que você foi embora no meio de uma operação.

— Sim, bem, eu fiz o trabalho.

— Tem certeza disso? Verificou se Massioni explodiu junto com a casa, certo? — Quando Savage deixou a pergunta no vácuo por um segundo a mais, Trygg sibilou um palavrão. — Não confirmou. Jesus, Savage. Espero que trepar com ela valha a pena, cara.

Ele olhou para Bella. Sim, ela valia a pena. Sua vida — o alívio e a felicidade que via em seu rosto agora — valia tudo.

— Se eu fodi com Massioni, cuidarei disso. Agora, preciso encontrar um local seguro. Estou com duas companheiras de Raça e um macho Raça de três anos aqui em Potenza agora. Preciso ter certeza que ficarão em algum lugar seguro.

— Duas mulheres e uma criança? Não vou perguntar, — Trygg murmurou. Ficou em silêncio por um momento, depois soltou um suspiro mal-humorado. — A quanto tempo está de Matera?

Savage conhecia a cidade, havia rondado as antigas ruas e cavernas subterrâneas do antigo povoado mais do que algumas vezes em sua juventude. — Não longe. Uma hora, um pouco mais ou menos.

— Chegue lá. Sei de um lugar que pode ir. — Trygg deu-lhe instruções rápidas, pontos de referência para guiá-lo para onde precisava ir quando chegasse. Pelo visto, seu camarada não o estava enviando para o centro turístico da cidade histórica, mas para o Paleolithic Sassi — o bairro de antigas cavernas de calcário que se apegavam às paredes íngremes do barranco central de Matera. — Pegue os antigos degraus de pedra atrás da igreja. Siga o caminho à esquerda. Alguém estará esperando para encontrá-lo e levá-lo a um abrigo seguro.

— Quem irei procurar?

— Um macho Raça com cabelo preto longo e olhos obsidiana. Seu nome é Scythe.

— Scythe? Parece um cara hospitaleiro.

— Você não pediu hospitalidade. Pediu um lugar seguro, e é para onde estou te mandando.

— Entendido, — Savage arrastou a voz, lembrando que Trygg era extremamente literal. O macho mortal e antisocial lidava com certezas, fosse em combate ou em conversas. — O que estou dizendo é, se tem certeza sobre este macho, este Scythe?

— Completamente.

— Pode ser mais específico?

Houve um longo silêncio, então Trygg finalmente disse: — Ele é meu irmão.

CAPÍTULO 6

Bella detestava largar Chiara e Pietro, mas o olhar grave de Ettore ao terminar sua chamada para a Ordem não deixava dúvidas de que ainda não estavam totalmente fora de perigo.

— Venham, — ele disse, andando para pegá-los. — Não podemos demorar por aqui muito mais tempo. É melhor irmos embora.

— De volta a Roma?

— Não há tempo para isso agora. Vai ser luz do dia em poucas horas. Minhas habilidades de motorista tendem a sofrer quando estou tostado.

Ela sorriu vagamente, mas era difícil encontrar qualquer humor nos riscos que ele estava tomando por causa dela esta noite. Por causa de todos agora. E podia dizer pelo tom de sua voz que a urgência de seguir em frente não era motivada apenas por sua aversão Raça aos raios ultravioleta. Sua preocupação era mais profunda que isso.

— Acha que ele ainda está vivo, não é?

Um tendão pulsou na mandíbula quadrada de Ettore. — Se não está morto, prometo que não vou descansar até que esteja. Mas primeiro preciso ter certeza de que você e sua família estejam em algum lugar seguro. Meu companheiro em Roma está arrumando alguém para nos encontrar em Matera. Teremos abrigo lá pelo tempo que precisarmos.

Enquanto Bella e Ettore falavam, Chiara deu um passo à frente com seu jovem filho segurando-a pela mão.

Ettore olhou para o garoto que o observava com cautela. Ele se agachou até seu nível e colocou a mão levemente sobre o ombro da criança. — Foi muito corajoso, mantendo sua mãe segura aqui até chegarmos. Bom trabalho, Pietro.

Ele acenou timidamente com o elogio, e o coração de Bella se apertou ao ver o medo do menino se derreter sob o tratamento suave de Ettore.

— Quanto tempo vamos precisar ficar longe? — Chiara perguntou hesitante.

O olhar de Ettore encontrou o de Bella quando se levantou. Ela conhecia aquele olhar pesado, o que significava. Os dois assassinos que apareceram esta noite não conseguiram, graças a ele, mas era quase certo que haveria outros mais atrás deles. O velho vinhedo e a casa onde Bella foi criada nunca mais seriam seguros novamente. Na verdade, não era seguro há anos. Não desde que Massioni entrou em suas vidas.

Passando suavemente os dedos pelos cabelos escuros de seu sobrinho, Bella encontrou o olhar de Chiara. — Vamos descobrir tudo isso mais tarde. Agora, precisamos fazer o que Ettore diz, ok?

— Sim, claro. Posso juntar algumas coisas para Pietro antes de irmos? Prometo que vou me apressar.

Ettore assentiu e Bella olhou para baixo em seu vestido vermelho e pés descalços. — Acho que não tem nada no seu armário que me sirva, não é?

Chiara sorriu calorosamente. — Pode procurar algo em seu próprio armário, *sorella*. Mantive seu quarto igual desde que você foi levada, na esperança de que voltasse para casa um dia.

A bondade desse gesto — o amor fraternal da viúva de seu irmão — formou um nó na garganta de Bella. — Obrigada.

Ela puxou Chiara num breve abraço antes de Ettore os levar todos para fora do quarto do pânico e de volta à casa vazia para se prepararem para sair.

Alguns minutos mais tarde, Bella estava vestida com um par de jeans escuros, sapatilhas e camiseta preta. Chiara segurava Pietro num braço, uma pequena sacola contendo seu cobertor favorito e brinquedos e outras necessidades pendurada no outro. Ettore pegou a bolsa dela e saiu, liderando o caminho.

— Temos que deixar o Pagani, — disse ele, ignorando o carro esporte de dois lugares. — Não há espaço suficiente nele, mas também precisamos evitar chamar atenção. Não gosto da ideia de levar o veículo

dos homens de Massioni, mas posso sumir com ele depois que chegarmos a Matera, caso alguém esteja procurando.

— Tenho um caminhão lá atrás, — disse Chiara. Ela apontou para o celeiro atrás da casa. — Não é rápido, mas vai nos levar para onde estamos indo. E com certeza não vai virar nenhuma cabeça ao longo do caminho.

Ettore considerou por um momento, então deu de ombros. — Soa melhor que nossas outras opções.

Eles pegaram a velha caminhonete e entraram, Bella colocou-se no banco estreito entre Ettore, Chiara e Pietro.

Era impossível ignorar o calor da coxa de Ettore pressionada contra a dela enquanto saíam para a escuridão. Estando tão perto dele de novo, seus sentidos esmagados pelo calor, força e cheiro dele, Bella experimentava um contentamento — uma sensação de segurança — que tinha escapado por tanto tempo que não lembrava o que era sentir-se segura e protegida.

Mal percebia o quanto desejava esse sentimento até agora. Com ele.

Chiara e Pietro deviam sentir algum grau de segurança agora também. Ambos cochilaram em poucos minutos no carro. Sem dúvida, a hora tardia e o estresse do que suportaram naquela noite os deixou exaustos, mas Bella sabia que sua respiração pacífica tinha muito a ver com o homem que certamente salvara suas vidas.

Bella olhou para Ettore à luz suave do painel do caminhão velho. Seus olhos estavam fixos na estrada aberta, uma mão pendurada na parte superior do volante. Ele parecia perdido profundamente em seus próprios pensamentos até que o peso de seu olhar chamou sua atenção. Ele olhou para ela, e embora ela estivesse envergonhada por ser pega no flagra, não podia fingir que não estava mesmo olhando.

— Obrigada por ajudá-los, — disse ela calmamente. — Obrigada por ajudar todos nós esta noite.

Ele deu um pequeno aceno de cabeça. — Não há necessidade de me agradecer, Bella. Faria qualquer coisa por você. Não sabe disso?

Não, ela não sabia disso. Pelo que sabia, ela não significava absolutamente nada para ele. Não dez anos atrás. Certamente não todo esse tempo depois. — Por que fez isso, Ettore? Por que saiu e nunca mais voltou? Foi por causa de algo que eu fiz?

— Não. — Sua resposta veio rapidamente, suas sobrancelhas franzindo numa carranca. — Cristo, não. Você não fez nada. Diga-me que não é o que eles te deixaram acreditar...

Uma sensação de enjôo se abriu na boca do estômago. — Quer dizer minha família? Quer dizer meu pai e Sal?

Seu olhar silencioso foi suficiente confirmação.

— Diga-me, — ela alertou. — O que eles fizeram?

Ele olhou para a estrada. — Estavam apenas cuidando do seu melhor interesse, Bella. Notaram que estávamos cada vez mais próximos — notaram meu interesse em você como mulher — e seu pai não ficou satisfeito. Nem Sal ficou, na verdade.

— Está dizendo que o mandaram embora? Não... Certamente que não fariam isso. Está dizendo que não nos queriam juntos, então nos forçaram a separar?

A raiva agarrou-lhe a garganta. Mal podia suportar a idéia do que sua interferência lhe causara. Pensar que chorou pelo assassinato de seu pai. Pensar que chorou por Sal, mesmo depois que a traiu com Vito Massioni.

Mas vendê-la para o bandido criminoso doía menos que saber que os dois homens em quem mais confiou durante toda a sua vida a traíram de forma ainda mais flagrante, muito antes disso, quando roubaram sua chance de um futuro com Ettore.

Ele a encarou com um olhar sóbrio. — Eles amavam você, Arabella. Seu pai queria ter certeza de que encontrasse um homem que pudesse ser um provedor, dar-lhe todas as coisas que merecia na vida. Seu pai e Sal queriam apenas o que era melhor para você.

Sua resposta zombeteria foi rígida. — Veja como acabou.

— Não poderiam saber como as coisas iriam acabar, — ele gentilmente assegurou. — Mas eu gostaria de ter previsto. Gostaria que a Ordem tivesse Vito Massioni na mira anos atrás, então poderia ter matado o bastardo antes que tivesse chance de colocar uma mão em você.

— Poderia ter sido pior, — ela admitiu calmamente. — Eu suportei o temperamento dele às vezes, mas ao menos evitei sua luxúria.

Quando Ettore olhou para ela, havia surpresa em seu olhar, e mais do que um pouco de alívio. — Quer dizer, ele nunca...

— Nunca, — ela disse. — Disse a ele que meu dom para adivinhação duraria apenas enquanto fosse virgem. Desde que o tornei rico com minhas visões, ele aparentemente decidiu que gostava de colecionar seu dinheiro mais do que gostaria de me abusar.

Ele sorriu maliciosamente. — Menina esperta. Exceto por uma coisa.

Ela sentiu um rubor rastejar sobre suas bochechas com o lembrete.

Ela não era virgem. Ela deu essa parte sua para Ettore. Foi sua primeira e única vez juntos.

Na noite seguinte, ele se foi.

— Felizmente, Massioni nunca duvidou de mim. Acho que poderia eventualmente, mas tinha outras mulheres para satisfazer suas necessidades.

— Graças a Deus — murmurou Ettore. Ele franziu a testa, seu olhar castanho turbulento com fúria sufocada. — E suas visões, Bella? Nunca viu qualquer indício dos problemas de seu irmão em sua tigela?

Ela balançou a cabeça. — Não tenho visões que se relacionem comigo ou com as pessoas que me importam. Minha capacidade nunca funcionou assim.

E por isso nunca viu Ettore tampouco, embora isso não a tivesse impedido de tentar encontrá-lo com seu dom ao longo dos anos em que ele foi embora. Mas sua visão nunca o encontrou.

Nem mesmo enquanto planejava e realizava seu ataque a Vito Massioni.

Ela esperava que Ettore tivesse tido êxito, porque se Massioni estivesse vivo para colocar as mãos nela agora, sua punição seria além de brutal.

A boca de Ettore se achatou numa linha sombria. — Nunca deveria ter concordado em sair, não importa o que sua família queria. Não era decisão deles. Não entendi isso até depois de partir. — Ele estendeu a mão e acariciou sua bochecha. — Deveria ter voltado para você, Bella. Me desculpe por não estar presente.

Ela se voltou para sua carícia, não sentindo nenhuma animosidade por ele, apenas gratidão. E uma afeição que era muito mais profunda do que isso.

Muito mais profunda que o desejo que sentia por estar sentada tão perto dele, seu toque reconfortante pairando contra seu rosto.

— Está aqui agora, — disse ela, pressionando um beijo suave no centro de sua palma.

Seus olhos brilharam com faíscas âmbar enquanto seus lábios se encontravam com sua pele. Ela só queria que o contato fosse de gratidão e carinho, mas também sentiu a sacudida da consciência.

Seu peito se apertou, o calor se espalhando por seus seios, lambendo-a até seu núcleo.

Oh, sim, ainda gostava dele.

Ela o queria.

Memórias de beijos roubados e abraços secretos e ternos encheram sua cabeça. Ela teve apenas uma noite com Ettore, nus nos braços um do outro, mas a manteve guardada no coração desde então.

Nem a crueldade do tempo nem o destino diminuíram qualquer coisa que sentia por ele. Pelo contrário, só havia aumentado o desejo. Isso só a fez reconhecer o quanto sentira sua falta durante todo esse tempo.

E como estava profundamente feliz por estar com ele agora.

Mesmo que num canto obscurecido de seu coração temesse que o destino não tivesse terminado com eles ainda.

CAPÍTULO 7

Savage não sabia como conseguiu suportar mais de uma hora no caminhão, sentado tão perto de Bella. Sua coxa tinha repousado contra a dele toda a viagem, o contato o distraiu, o acalmou... excitou-o além da razão.

Isso fez com que sua mente voltasse no tempo, para outro passeio noturno que fizeram juntos no vinhedo. Que terminou com os dois despidos e envolvidos num cobertor sob um céu azul da meia-noite cheio de estrelas cadentes.

— *Vamos, Ettore! Não é incrível?*

Ela pegou uma garrafa do mais novo Aglianico das caixas de madeira na parte de trás do caminhão e começou a correr pelo lado da colina próxima. Ele a observou ir, suas longas pernas nuas e seu traseiro curvilíneo num short jeans desbotado, manchado de uva. Ele estava sempre num estado de excitação próximo a ela, mas vendo-a dançar longe dele sob o brilho da lua fina transformou seu pênis em granito.

— *Bella, é melhor você voltar. Não acho que seja uma boa idéia. — No entanto, puxou um velho cobertor de lã atrás do assento e correu atrás dela.*

Ajudou-o a abri-lo na grama fresca, e depois puxou-o para baixo ao lado dela. — Aqui, abra isto. — Ela entregou a garrafa e um saca-rolhas.

— *Não bebo vinho, — ele a lembrou enquanto puxava a rolha com um pop suave. Nenhum de sua espécie, mas ela sabia disso muito bem.*

— *Já desejou poder? Sentir o gosto?*

— *Não. — Ele nunca desejou vinho, mas então a viu inclinar a garrafa para seus lábios para tomar um gole e descobriu uma sede diferente de qualquer outra que já conheceu. A garganta dela se movia enquanto engolia, a cabeça inclinada para trás, atraindo os olhos para a coluna cremosa de seu pescoço.*

Ele limpou a garganta, procurando sua voz enquanto suas presas saíam de suas gengivas e sua visão começava a acender com âmbar. — Seu pai e Sal estão nos esperando de volta à vinha.

Ela lentamente tirou a garrafa da boca e colocou-a na grama. Seus lábios estavam molhados, tão escuros como cerejas pelo vinho. Longos cílios negros enquadravam as solenes piscinas de seus olhos. — Quer ir, Ettore?

Sabia que era a chance — sua única esperança de acabar com essa necessidade de Bella antes de ir longe demais. Fazia semanas que rodeavam esse momento. Inferno, desde o instante em que ele entrou na propriedade dos Genova.

Olhares fúteis. Breves toques. Riso compartilhado. Então, mais tarde, depois que lutou contra sua atração pelo tempo que pôde, houve um beijo, alguns abraços roubados. Seguidos de acaloradas carícias que deixaram os dois em chamas.

Mas ela era inocente, com apenas dezoito anos contra os vinte e cinco anos dele.

Pior ainda, era a irmã Companheira de Raça de seu amigo mais próximo.

A última coisa que devia fazer era sentar-se ao lado dela sob a luz das estrelas, olhando para sua garganta e desejando que fosse um homem melhor. Um com honra suficiente para mentir e dizer que não estava louco de desejo por ela.

— O que você quer, Ettore?

— Você.

Ele a puxou sobre o cobertor e a desembrulhou com a mesma reverência que a um precioso presente. Cada momento estava aceso em seus sentidos, seus gemidos suaves quando beijou, lambeu e chupou cada centímetro tentador dela... seus gritos trêmulos quando entrou em seu corpo virgem e mostrou-lhe um prazer ainda mais profundo que o mar de estrelas cadentes no alto.

Savage gemeu com a lembrança não esperada e a necessidade que o alimentava ainda agora.

Quando chegaram à antiga cidade montanhosa de Matera, seu corpo estava repleto de desejo, seu pênis tão duro que era uma maravilha ser capaz de dirigir.

Sua palma ainda queimava do doce beijo que ela deu ali.

Suas veias latejavam de fome por ela — uma fome que era surpreendentemente mais intensa que o simples desejo. Se tivesse imaginado que seus anos de distância esfriariam seus sentimentos por ela, aquele beijo terno no centro de sua mão tinha apagado toda sua esperança.

Santo inferno, estava em apuros aqui.

Deveria estar pensando sobre seu dever para com a Ordem — e sobre o *status* da missão que era incerto na melhor das hipóteses — mas sua mente estava envolvida por Arabella Genova.

Seu coração também. Embora que, para ser justo, essa parte dele era dela por muito mais tempo do que sua vida foi prometida à Ordem.

Quantas vezes considerou desafiar os desejos de seu pai e irmão e voltar atrás e implorar por seu perdão e levá-la embora com ele para sempre? De quantos Anfitriões de Sangue bebeu, desejando que fosse em vez disso a veia de Bella o alimentando, seu sangue de Companheira de Raça garantindo que seria sempre sua?

Agora, tudo que tinha eram arrependimentos.

Só esperava que pudesse de alguma forma ter a chance de fazer as coisas direito. Mas primeiro precisava ter certeza de que ela estava segura.

— Por aqui, — disse ele às mulheres, depois de deixar o caminhão velho no estacionamento da igreja como Trygg instruiu.

Levando a bolsa de Chiara para que ela pudesse se concentrar no filho, Savage colocou sua mão na parte baixa das costas de Bella e as levou pelos degraus de pedra desgastada do outro lado da igreja. As escadas desciam dos hotéis e restaurantes pitorescos perto do centro da cidade de Matera, na comunidade densamente povoada de moradias de pedra calcária que pareciam crescer fora das paredes da ravina larga.

O luar azul e o brilho dourado de lanternas e lâmpadas aleatórias iluminavam a trilha irregular que Trygg lhes dera para seguir. Próximo do amanhecer, não havia turistas na rede emaranhada de caminhos de pedra e caminhos sinuosos do Sassi. O barranco estava quieto, nada mais que o som dos passos deles nos velhos e empoeirados calçamentos e o ocasional pisoteio de um sino de ovelha do rebanho começando a despertar num gramado do outro lado do caminho.

Savage seguiu o caminho para a esquerda, como lhe tinham dito, o que os levou para o que parecia ser a seção de baixa renda do bairro Paleolítico. Residências de calcário branco com caixa de flores ocasionais em sua janela ou vasos de plantas fora da porta deram lugar a um trecho sem iluminação de calçadas alinhadas com domicílios rústicos em vários estados de negligência, a maioria com ervas daninhas e cactos brotando para fora de suas paredes rachadas e desintegrando.

— Fiquem perto, — Savage aconselhou as mulheres enquanto as conduzia mais para dentro do assentamento. — Devemos estar quase lá agora.

Poucos minutos depois, tal como Trygg descreveu, o irmão esperava à frente, na passarela. Pelo menos, Savage esperava que o imenso macho Raça de cabelos negros fosse Scythe.

Quando se aproximaram, Savage caminhando protetoramente na frente de Bella e Chiara, o outro macho ergueu a cabeça e lançou um olhar em sua direção. Longos cabelos ébano pendiam várias polegadas além de seus ombros, e uma barba preta aparada esboçava o grave conjunto de sua boca. Os olhos do macho, tão escuros como âmbar negro, estreitaram-se em Savage ao longo da distância.

Sim. Definitivamente Scythe.

Savage acenou para ele em saudação. O rosto de Scythe permaneceu inexpressivo em sua cortina de cabelos escuros. Vestido com um casaco de couro preto que cobria mais roupas pretas por baixo, o macho parecia um assassino de sangue frio.

O que dizia algo, vindo de Savage, um guerreiro cuja especialidade era lidar com a morte.

Savage ouviu Bella arfar atrás de si.

— Está tudo bem, — disse a ela, tocando seu braço dando-lhe segurança. — Foi ele quem viemos encontrar.

Sem apresentação, Scythe virou-se e começou a se afastar. Aparentemente, era tão amigável com as pessoas quanto seu irmão. Enquanto o macho fosse confiável e sua casa fosse segura, Savage ignoraria sua falta de habilidades sociais.

— Vamos, — ele disse, parando para depositar um beijo na testa de Bella. — Estaremos a salvo aqui, prometo.

Seguiram Scythe para uma das últimas casas-cavernas no caminho, uma residência baixa e larga, desprovida de janelas e acessível através de uma porta que fora reforçada com uma grade de ferro. Savage não esperava muito quando o outro macho Raça abriu a porta e os deixou entrar, mas descobriu que o lugar só parecia proibitivo e negligenciado do lado de fora. Entraram numa confortável, mas minimalista sala com mobiliário rústico, tetos de pedra arqueada, e quentes tapetes cobrindo o piso.

Uma vez dentro, Scythe fez sinal para que o seguissem pelo local. Mais quartos estavam enterrados fora da rocha da ravina, conectados por túneis serpenteados, grandes o suficiente para ambos os machos Raça caminharem com toda a sua altura.

— Geralmente não recebo convidados — anunciou Scythe, não parecendo satisfeito. Sua voz era baixa e sombria, quase um rosnado enquanto andava à frente deles, suas palavras ecoando nas paredes. — Há uma pequena cama na câmara à sua direita, e uma maior na sala no final deste corredor. Façam uso delas como desejarem.

Savage olhou para Bella. — Você e Chiara ficam com as camas. Não preciso dormir.

Era meio verdade. Como Raça, não precisava de muito descanso, mas duvidava que seus pensamentos lhe dessem muita paz de qualquer maneira. Para não falar de seu corpo, que ainda estava pulsando pela falta de Bella.

Ela pareceu pretender protestar contra seu sacrifício, mas sua cunhada cambaleava e Pietro não levantou a cabeça desde que saíram do caminhão. — Vou ajudá-las a se instalar.

Savage permaneceu na passagem enquanto as mulheres saíam para o quarto. Quando olhou para Scythe, encontrou o macho observando Chiara com os olhos entrecerrados. Uma linha escura enrugava sua sobrancelha.

— Trygg não disse nada sobre uma criança em perigo.

— Ele não disse? — Savage franziu a testa. — Tenho certeza que mencionei o garoto quando falei com ele.

Scythe resmungou. — Sim. Também tenho certeza disso.

A resposta enigmática intrigou-o. — Isso é um problema?

Scythe não respondeu, o que disse a Savage muito mais do que qualquer palavra jamais poderia. — Se você ou as fêmeas precisarem de alguma coisa, me avise.

Ok, muita conversa aparentemente. Savage estendeu a mão para o outro macho. — Obrigado. Te devo isso, e não vou esquecer.

Scythe olhou para sua mão estendida por um longo momento. No início, Savage não entendeu o porquê. Então viu — o coto cortado no final do pulso direito do outro homem onde uma vez existiu uma mão.

E havia outra coisa incomum em Scythe que não tinha percebido até agora também.

Ao redor de seu pescoço coberto de dermaglifos, havia um círculo de cicatrizes perversas e viciosas. Pela severidade delas, Savage supunha que o macho Raça também quase perdeu sua cabeça em algum ponto da vida.

Como a genética Raça podia curar todas as lesões, com exceção das mais catastróficas, Scythe devia estar faminto de sangue ou já estar meio morto por alguma outra causa no momento que a ferida foi infligida.

Scythe encolheu os ombros. — Fomos educados para pensar que éramos invencíveis. Isso tornou muitos de nós imprudentes. Não foram muitos que sobreviveram depois que adquirimos nosso primeiro gosto de liberdade.

— Liberdade de quê?

— De nossas coleiras.

A notícia pegou Savage completamente de surpresa. Ficou boquiaberto com o obviamente letal e claramente antissocial macho Raça. — Está me dizendo que você nasceu um Hunter?

Olhando para ele agora, fazia sentido. No que dizia respeito aos assassinos e agentes furtivos, não haviam mais mortíferos do que os Hunters — os machos Raça de primeira geração, nascidos do mesmo Ancião e criados para serem assassinos impiedosos pelo principal adversário da Ordem. Para manter seu disperso exército de assassinos perfeitos obedientes, Dragos equipou cada um deles com um colar ultravioleta que desencorajava o desafio ou a fuga. A punição era instantânea e final.

O programa secreto de Dragos estava em operação há décadas, antes de ser derrubado por Lucan e seus guerreiros vinte anos atrás.

Quanto aos próprios Hunters, todos eram apenas lenda entre a Raça agora, apenas um punhado com existência conhecida.

Evidentemente, Savage estava olhando para um deles.

Encontrou o olhar negro de tubarão de Scythe. — Trygg disse que você era irmão dele.

— Ele é meu irmão. Como os outros.

— Outros?

Scythe reconheceu com um aceno brusco. — Os outros meninos perdidos. Dezenas de jovens Hunters que escaparam de suas coleiras quando Dragos foi morto.

CAPÍTULO 8

Ettore e seu anfitrião intimidante estavam acabando de se despedir quando Bella saiu do quarto onde Chiara estava descansando com Pietro. Ela hesitou até que o imenso homem de cabelos negros tivesse saído antes de se aproximar.

Ettore olhou para ela, com um olhar de persistente espanto em seus olhos.

— Está tudo bem com seu amigo? — Perguntou ela.

Ele grunhiu, passando a mão pelas ondas loiras. — Não chamaria exatamente Scythe de amigo ainda, mas sim, estamos bem.

Bella registrou o nome com um estremecimento interior. Era certamente um apelido apropriado para brusco e aparentemente ameaçador macho Raça. — Se o olhar furioso de Scythe significa alguma coisa, ele não parece feliz em ter convidados.

— Está de brincadeira? Aquela é a cara feliz dele. — O sorriso de Ettore brilhou, revelando as covinhas gêmeas que nunca deixaram de encantá-la. — Como estão Chiara e Pietro?

— Exaustos. Já estão dormindo.

— Você deveria também, — ele disse, sua voz caindo para um tom de ternura. Sua mão descansou calorosamente no ombro dela. — Vamos. Vamos acomodar você no outro quarto.

Tudo parecia tão surreal, estar neste lugar estranho, sentindo-se segura apesar do fato de que ela estava fugindo de um homem ruim e de sua rede de associados criminosos.

Ettore fazia isso com ela. Sempre se sentia segura quando estava com ele. As armas e lâminas eriçadas do cinto que circundava sua cintura não tinham nada a ver com o quão protegida a fazia sentir. Era ele, o homem, que sempre conseguia mantê-la à vontade.

Por mais que a excitasse.

Sua pele ainda parecia muito quente, muito tensa, quando pararam juntos na porta aberta do quarto. Tudo que tinham dito no caminhão, as carícias roubadas que compartilharam naqueles breves momentos semi-privados, esta noite, agora pairavam entre eles como uma ferida que precisava de cuidados.

Ettore parecia sentir o mesmo que ela. O calor que irradiava dele era palpável, seu leve toque na costas dela, ainda abrasador. Ela queria sentir suas mãos sobre ela em todos os lugares, não apenas em conforto ou tranquilidade, mas com paixão.

Ele amaldiçoou quando seus olhos se encontraram com os dela, avelã escuros, mas brilhando com manchas de âmbar. — Pelo amor de Deus, não me olhe assim, querida. Estou por um fio aqui.

— Eu também. — Ela não pôde resistir a tocá-lo, deixando as mãos roçarem os músculos firmes de seu peito. — Estive por um fio desde que apareceu em nossa vinha com meu irmão todos aqueles anos atrás, Ettore.

Seu coração estava trovejando. Seu pulso bateu contra sua palma, martelando como um tambor. Ele examinou seu olhar por um longo momento, sua respiração profunda e ofegante.

A maldição que brotou dele foi aguda, sibilou entre seus dentes e presas. — Não esperava nada disso. Meu primeiro dever é com a Ordem. Tenho uma missão a cumprir. Até que tenha certeza de que terminei, não deveria estar pensando em mais nada. Nem mesmo em você. Inferno, especialmente em você.

— Claro. Eu entendo. — Ela olhou para longe, resistiu a uma pontada que não tinha previsto. — Ettore, não queria sugerir...

Ele pegou sua mão e a puxou contra ele, silenciando-a com um beijo. Quando se afastou de seus lábios, seu olhar estava fundido. — Não tenho o direito de pensar em nada além do meu dever para com a Ordem. Isso é o que continuo me dizendo, Arabella. Mas então olho para você e nenhuma dessas outras coisas importa.

Ela engoliu em seco, observando a dança do fogo em seus olhos. Suas pupilas foram reduzidas a finas fendas pretas, e suas presas aumentaram ainda mais atrás de seus lábios entreabertos. A visão de sua transformação acelerou seu pulso, enquanto em seu quadril, o aço duro de sua excitação enviava uma corrente de necessidade quente lambendo seus sentidos e direto até seu núcleo.

— Fui embora uma vez, — ele rosnou. — Deus nos ajude, não acho que possa ir embora de novo.

Seu nome foi um suspiro irregular em seus lábios enquanto agarrou seu rosto em suas palmas e cobriu sua boca com a dele mais uma vez. Beijando-a tão profundamente que mal conseguia encontrar o fôlego, ele a encaminhou para dentro da câmara com ele, chutando a porta fechada atrás deles com seu calcanhar.

Algo selvagem foi desencadeado nele. Ela o viu em seus olhos, ouviu no rude raspar de sua voz. E agora todo aquele desequilíbrio estava derramando dentro dela através de seu beijo.

— Você é minha, — ele murmurou contra sua boca. Seu gemido de confirmação evidentemente não foi o suficiente. — Diga, Arabella. Deixe-me ouvir.

— Sim. — Oh, Deus. Mal conseguia segurar o desejo que a perseguia. Cada movimento quente de seus lábios sobre os dela, cada impulso carnal de sua língua, inflamava uma necessidade nela que estava rapidamente queimando fora de controle. — Por favor, Ettore. Preciso de você. Preciso te sentir dentro de mim.

Sua resposta foi um grunhido animal, puramente possessivo. Pressionando-a abaixo na cama estreita, tirou sua roupa e rapidamente removeu a dele. Uma parte dela queria que levasse as coisas lentamente — dando-lhe tempo para saborear cada nuance do corpo duro e formoso que ainda via tantas vezes em seus sonhos mais febris.

Mas o desejo que tinham entre si foi negado por muito tempo.

Muito tempo precioso já foi roubado deles.

Estava desesperada por ele. Mais do que qualquer coisa, precisava sentir sua pele contra a dela e saber que isso não era um sonho. Que ele era real. Que era dela de novo.

Sempre, ela emendou silenciosamente, permitindo que o desejo que vivia em seu coração se instalasse sobre si.

Seus olhos brilhavam enquanto a observava, sua mão movendo-se entre seus corpos para provocar e acariciar seu sexo. Seus dedos deslizaram pelos seus fluidos, dando um gemido rasgado quando abriu suas dobras e encontrou a entrada escorregadia de seu corpo.

— Já está molhada para mim, — ele murmurou, com um sorriso inclinando as bordas de sua boca perversa. — Droga, você é macia, Bella. Tão bonita. Tão quente, porra.

Ela não conseguiu conter seu gemido de prazer, tanto por seus elogios quanto pela intensidade de sua excitação por ele. Ele provocou sua carne sensível, tomando sua boca em outro profundo beijo, ardente. Sentiu-o testar seu canal com os dedos, começando com um, depois adicionando outro, o polegar trabalhando uma magia profana em seu clitóris.

Não houve ninguém depois dele, e a euforia de estar nua com ele agora, em seus braços após tanto anseio, era demais para suportar. Seu orgasmo correu inesperadamente, muito selvagem para segurar. Ela agarrou seus ombros quando seu grito rasgou sua garganta. Arqueando para fora do colchão, seguiu a onda em sua crista, rebolando descaradamente contra sua mão enquanto a felicidade se derramava sobre ela.

— Abra seus olhos, bebê, — ele a persuadiu enquanto continuava a lhe dar prazer com os dedos. — Esperei muito tempo para ver esse olhar em seu rosto novamente. Juro, Bella, você só ficou mais linda.

Ela pegou seu lábio entre os dentes enquanto as réplicas ondulavam ao longo de suas terminações nervosas, enquanto sob o prazer, outro clímax já estava começando a se formar. —Ettore, por favor...

Ele sabia do que ela precisava. Movendo seu peso, se posicionou entre suas coxas abertas. Seu corpo estava mais do que pronto para ele, liso, quente e aberto. No entanto, ainda foi um choque sentir a espessura impossível dele quando empurrou a cabeça de seu pau dentro dela, então empurrou para enchê-la com o comprimento duro de seu eixo.

— Bella, — ele disse profundamente, — tem que me dizer se eu estiver machucando você.

— Não. — Ela balançou a cabeça, mesmo enquanto as lágrimas brotavam em seus olhos. — Oh, Deus... isso é tão bom. Pensei que eu me lembrava, mas isso...

— Eu sei, querida. — Ele começou a se mover dentro dela, balançando lentamente no início, cada golpe o levando mais fundo, empurrando mais para dentro dela, até que não estava segura de onde ele terminava e ela começava.

— Ah, amor, — ele murmurou. — Seu corpo é tão apertado ao meu redor. Tão perfeito, maldição. Não posso...

Suas palavras foram perdidas para o gemido feroz que arrancou dele. Enfiando-a entre seus antebraços, se dirigiu para dentro dela mais rápido, mais profundo, indomado em sua necessidade. Seu rosto bonito contorceu-se com a ferocidade de seus impulsos, suas presas tão enormes que encheram sua boca.

O olhar de Bella se fixou naqueles pontos brilhantes de diamante enquanto ele batia contra ela. Ela também não conseguia obter o suficiente. Queria tudo. Não apenas este momento e o desejo que poderia durar. Ela queria o para sempre com Ettore Selvaggio.

Depois de apenas uma vez juntos e dez longos anos no meio, ele ainda era o único homem que ela desejava.

Em seu coração — nas profundezas de sua alma —sabia que ele era o único homem que sempre amaria.

CAPÍTULO 9

Savage não entendeu completamente a profundidade de seu erro até que estava enterrado dentro do veludo de Bella, do calor úmido. Ela gemeu e suspirou enquanto ele rolava seus quadris contra ela. Suas mãos percorreram suas costas, suas unhas patinando pelo vale de sua espinha, marcando-o enquanto a empurrava para o pico de sua liberação.

Droga, ela era adorável. Doce, angelical, e ainda sexy como o inferno. Ela sempre foi, mas agora havia uma força nela também.

Havia um poder dentro dela, um que foi forjado no fogo do que ela suportou nos últimos três anos. Não era mais a inocente protegida, mas uma mulher resiliente que sabia o que queria e não tinha medo de conseguir.

E, incrivelmente, o que ela queria era ele.

Ainda.

A percepção o atordoou, deixou-o honrado. Fê-lo querer mantê-la perto e nunca deixá-la ir.

Um gosto dela há uma década o havia arruinado para qualquer outra mulher.

Agora, cada célula em seu corpo estava martelando com a necessidade de fazê-la exclusiva dele.

Em carne e voto.

Que Deus o ajudasse, queria reivindicá-la em sangue também.

Queria isso com uma ferocidade que nunca sentiu.

Não é verdade, corrigiu. Quis Bella como sua companheira ligada ao sangue mesmo naquela época. Dez anos de ausência dela só solidificaram essa resolução.

Ele a amava, e laços de sangue ou não, sabia que iria destruir qualquer homem que pensasse em levá-la para longe dele agora.

— Você é minha, Bella.

Ele grunhiu as palavras enquanto bombeava dentro dela, sabendo que pareciam mais uma exigência do que uma promessa.

Eram ambos. Eram seu propósito de respirar, e não podia fingir que eram menos que isso.

Não agora.

Não quando ela estava desmoronando em seus braços, seus dedos cavando nos músculos de seu bíceps enquanto chorava seu nome e se partia com a força de seu orgasmo. As paredes apertadas de seu sexo vibraram ao longo de seu pênis, músculos minúsculos segurando-o como um punho macio quando onda após onda percorreu seu corpo tenso.

Ele a observou gozar, tentando retardar sua própria liberação apenas para que pudesse se deleitar com o prazer que estava lhe dando. Mas sua necessidade o possuía. Esta fêmea o possuía, e tentar temperar o que ela agitou nele era como tentar encurrular um incêndio.

Ele tomou sua boca num profundo beijo, bebendo seus pequenos suspiros e gemidos quando seu clímax começou a decair. Quando suas pálpebras lentamente se ergueram, ela lhe deu um sorriso feliz que ele mataria para ver nos seus lábios pelo resto de sua vida.

Sua voz era rouca, áspera. — Você é minha.

— Eu sempre fui, — ela sussurrou.

Ah, Cristo. Essa admissão suave era mais do que podia suportar.

O prazer o agarrou, empurrando seus quadris num ritmo febril. Cada empurrão o levava mais fundo, fazia sua fome se intensificar, testando sua lâmina já afiada.

Bella se moveu debaixo dele, encontrando cada golpe forte, levando-o ainda mais profundo quando levantou seus quadris e envolveu suas longas pernas em torno dele.

Suas mãos vagavam pelo rosto e pelos ombros, acariciando-o, adorando-o. O nó de seu orgasmo se acumulou na base de sua espinha, torcendo um gemido agudo entre seus dentes cerrados. O sangue batia em suas têmporas, em seu pênis... nos comprimentos mortais de suas presas.

— Oh, Deus, — Bella ofegou, inclinando a cabeça para trás enquanto o rubor de outra liberação varria sobre sua pele. — Ettore... Não posso aguentar. Você é tão gostoso.

Ele estava além das palavras agora. Era apenas instinto e necessidade, puro macho. Completamente consumido pela notável mulher em seus braços. Ele respondeu com um grunhido triunfante enquanto ela gritava debaixo dele. Ele não conseguia impedir que seus quadris se movessem, nem seu sangue batendo com o desejo irresistível de reclamar sua fêmea de todas as maneiras possíveis.

O desejo tornou-se um mantra enquanto seu orgasmo acelerava em direção ao pico.

Ele não percebeu que estava olhando para sua garganta até que ouviu a voz suave de Bella atravessar a névoa de seus pensamentos manchados de sangue.

— Sim — disse ela. — Sim, Ettore. Eu quero também.

Quando ele encontrou seu olhar, achou seus olhos castanhos fixos e sem medo.

Tão cheios de amor que ele cambaleou.

Sabia que deveria se afastar, ser o mais forte.

Devia dar-lhe esta escolha quando ambos estivessem lúcidos e inteiramente capazes de processar as ramificações do que um laço significaria. Um gosto de seu sangue e a sentiria em suas veias quando gozassem. Conheceria suas emoções mais profundas como suas próprias — cada alegria e tristeza, cada prazer ou dor.

E se ela morresse antes dele, seria amaldiçoado por sentir também a sua morte.

A ligação era irreversível.

Inquebrável.

Eterna.

Conceitos que nunca entraram em sua mente com outra mulher eram tudo que podia pensar agora que estava aqui com Arabella.

Ele a amava.

Por sua alma, amou-a por todo esse tempo. E a parte dele que era mais do que mortal não estava disposta a esperar mais um momento para reivindicá-la. Essa parte possessiva, primitiva, queria ligá-la a ele irrevogavelmente.

Para sempre.

Não havia lugar para lógica, nem espaço para arrependimento.

Só havia necessidade.

Só amor.

Ele rugiu com a ferocidade de tudo que sentia, e quando seu orgasmo tomou conta dele, Ettore baixou a boca para o pescoço de Bella e afundou seus dentes em sua carne macia.

CAPÍTULO 10

Se a felicidade de fazer amor com ele quase a arruinou, não foi nada comparada ao prazer que sentiu com a súbita e aguda penetração de suas presas na carótida.

Bella engasgou pela dor penetrante, sentindo sua mordida até a medula. Mas aquele choque inicial deu lugar a um prazer que desafiava a descrição enquanto seus lábios se prendiam à sua pele e ele tirava o primeiro sorvo de sangue de sua ferida. O calor percorreu suas veias como rios de mercúrio, todos os seus sentidos — cada fibra de seu ser — atraídos para o ponto do pulso que agora fluía sob a boca de Ettore.

Cada sucção, cada erótica passada de sua língua, confirmava o que já sabia.

Ela era dele.

Se não fosse antes, a conexão que acabava de ativar entre eles garantia que sempre seria. Ele nunca poderia tomar outra como sua Companhia de Raça contanto que seu laço com ela estivesse intacto. Para ele, só haveria ela.

A alegria que a compreensão lhe dava era quase demais para suportar. Encheu seu coração, mesmo quando despertou algo cru e primitivo dentro dela.

— Você pertence a mim agora, Ettore. — Ela passou os dedos por seu cabelo, segurando-o em sua garganta enquanto ele bebia. — Meu.

Ele gemeu, ainda balançando em cima dela, seus corpos intimamente unidos. Seus movimentos se intensificaram junto com a sucção de sua boca contra sua veia. As sensações combinadas a inundaram de desejo, alimentando sua necessidade de novo.

—Tão bom, — ele murmurou, sua voz profunda tão áspera como cascalho, sua respiração se apressando quente contra sua garganta. Ela sentiu a língua dele varrer os furos gêmeos, selando-os.

Ele levantou a cabeça para observá-la agora. Seus olhos tão brilhantes quanto carvões, olhando para ela com uma ferocidade de emoção que lhe roubou o fôlego. Ela nunca tinha visto suas presas tão afiadas e sobrenaturais. Ela lambeu os lábios, com fome para senti-las em sua garganta novamente.

Em toda parte.

Ele era feroz e de outro mundo, o homem mais magnífico que já viu.

Sua boca perversa curvou-se enquanto acariciava o lado de seu rosto e a pele macia onde deu sua mordida. — Posso sentir você dentro de mim, Bella. Sinto seu sangue em minhas próprias veias, em cada célula do meu corpo. E sinto seu prazer. Sinto o quanto precisa que eu faça você gozar novamente.

Como que para pontuar, empurrou longa, lenta e profundamente, um rumor de satisfação vibrando através dele enquanto ela gritava em indefeso êxtase.

— Minha doce Bella, — ele disse, baixando a cabeça para beijar sua testa, sua bochecha, seus lábios entreabertos enquanto ela suspirava. — Queria que pudesse sentir o quanto te amo.

— Mostre-me — sussurrou, estendendo a mão para traçar seus dedos ao longo de sua mandíbula rígida, seu olhar vagando até as presas. — Deixe-me provar você agora, Ettore. Dê-me sua ligação.

Não precisava pedir duas vezes.

Num grunhido, ele levou seu pulso até a boca e mordeu. O sangue gotejou em seus peitos, salpicos quentes de carmesim que inflamavam sua sede escura por ele enquanto guiava sua boca para suas feridas.

Ela selou seus lábios sobre as punções. A primeira gota de sangue em sua língua parecia um beijo de fogo. Ela gemeu, em choque e com sede.

Ela lambeu sua pele, espantada pela intensidade da descarga de calor através de seu corpo enquanto bebia dele. O sangue de Ettore parecia vivo com uma selvageria e força que mal podia compreender. Tão poderosa como uma carga elétrica, cada gole explodia em seu corpo, em suas células... em sua alma.

Não havia mais medo nela. Nem dúvida. Tudo afastado, deixando apenas seu amor. Essa conexão que nada, e ninguém, poderia cortar.

E, sob o contentamento que sentia ao beber da veia de Ettore, havia uma afloração mais profunda do desejo.

Era a coisa mais erótica, beber dele enquanto ele se movia dentro dela, observando-a com aqueles olhos que queimavam tudo, exceto o vínculo que agora compartilhavam.

Ela não pensou que seu corpo pudesse suportar outra corrida quente para o clímax, mas o sangue de Ettore desencadeou algo animal dentro dela. Algo feroz e exigente. Algo violentamente carnal.

— Ah, porra, querida. — Ele gemeu, os tendões no pescoço se esticando enquanto ela sugava seu pulso e se contorcia debaixo dele. — Eu sei. Também não posso ser gentil.

Puxando seu pulso para longe dela, ele rapidamente selou as feridas e então a jogou sobre seu estômago. Um braço forte deslizou debaixo dela, erguendo seu traseiro para cima para encontrá-lo quando entrou até o fundo por trás dela.

Ele a pegou rapidamente, agressivamente, sem dar uma pausa até que ambos estivessem completamente gastos e desabou na cama num emaranhado de membros.

Ela não sabia quanto tempo ficaram ali, embrulhados nos braços um do outro, seus corpos cobertos de suor e sangue e o cheiro almiscarado de seu amor. Bella poderia ficar lá por horas. Dias. Para sempre.

Ela gemeu quando ele rolou para longe, trazendo-a com ele.

No banheiro adjacente, a água começou a correr na banheira ao comando mental de Ettore.

Bella levantou-se da cama com ele, sorrindo quando a pegou em seu abraço e pressionou um beijo terno em sua testa.

Ela recuou, procurando as brasas de seu olhar. — Isso foi... incrível.

Inclinou a cabeça em acordo solene. — Sim, foi. Mais do que incrível.

Ela traçou um dos redemoinhos dos dermaglifos em seu peito. — Então... para onde vamos daqui?

Ele grunhiu, um sorriso brincando nas bordas de sua boca sensual. — Para a banheira para começar. Fiz uma bagunça com você.

— Não, Ettore. — Ela balançou a cabeça lentamente. — Você me fez inteira.

Sua expressão se intensificou, provocando uma sobriedade que ela podia sentir agora, em seu sangue. Em seu próprio sangue também, que latejava pesadamente em seu peito e em todos os pontos de pulso que ansiavam por sua mordida.

— Ah, Bella. Deus, eu te amo, — ele murmurou. — Mas não sei para onde vamos daqui. De volta a Roma para começar. A partir daí, teremos que descobrir. Agora, só sei que preciso de você comigo.

Era toda a promessa que precisava. Ele. Com ela. Juntos.

Mal podia acreditar que essa era sua nova realidade.

Inclinando o queixo, ele a beijou com reverente cuidado. Então a assustou quando a pegou em seus fortes braços e a levou para o banheiro. Entrou na banheira com ela, afundando na água com ela encostada contra ele.

Bella suspirou no conforto de seus braços e na piscina suavemente enrolada ao redor deles. — Isto é o céu, — ela murmurou, descansando sua cabeça no travesseiro musculoso de seu ombro. — Nunca estive tão feliz. Nunca pensei que seria.

Ettore a acariciou carinhosamente, suas mãos molhadas e quentes e calmantes enquanto a banhava. Ela começou a vagar, sua mente relaxando enquanto assistia as pequenas ondulações dançando na água do banho.

A visão surgiu de repente, ela se encolheu.

Formou-se sob a superfície clara — horrível, sangrenta, violenta.

Ela viu um macho Raça coberto de pele derretida e mutilado. A fuligem escura e a sujeira manchavam seus ombros e a cabeça queimada. Ele segurava um ser humano gritando em suas mandíbulas. A garganta do homem estava rasgada aberta enquanto o predador saboreava seu sangue no gole após gole ganancioso.

— Bella? — A voz de Ettore era plana de medo.

Ele devia ter sentido seu choque. Seu terror.

Suas mãos tremiam quando a afastou dele para que pudesse ver seu rosto. Seu olhar ainda estava preso na água, sua mente ainda presa na visão hedionda.

— Querida, o que foi isso? Me diga o que está errado.

Ela mal conseguia encontrar as palavras.

Porque naquele momento, o macho Raça em seu olho mental levantou sua cabeça arruinada. Seus olhos furiosos e brilhantes de âmbar pareciam estender a mão para ela através da água.

— É ele — murmurou ela. — Massioni. Ele está vivo.

CAPÍTULO 11

A visão de Bella pesava em Savage como uma tonelada de tijolos caindo em seu peito, um peso que só aumentava nas horas desde que ela descreveu o que viu na água. A própria coisa que temia, o erro que cometeu ao não ter certeza de que terminou o trabalho, logo estaria voltando a morder seu traseiro. Não tinha dúvida disso.

Infelizmente, Bella não tinha certeza se viu Massioni no futuro imediato, ou em dias, até semanas, a partir de agora.

Nem importava.

O filho da puta sobreviveu à explosão que deveria tê-lo matado.

Vito Massioni estava vivo, e isso significava que Savage falhara em sua missão para a Ordem.

Só podia rezar para não ter falhado com Bella no processo.

E para se certificar disso, ia fazer a única coisa que podia pensar para garantir sua segurança.

— Todo mundo pronto para ir, querida?

Bella acenou com a cabeça enquanto caminhava em direção a ele saindo do quarto dos fundos. — Chiara estará bem atrás de mim. Está tendo um problema com Pietro. O pequeno tem tido pesadelos a maior parte do dia.

— Compreensível — disse Savage. — O garoto passou por um calvário. Vocês todos. — Ele puxou Bella sob o abrigo de seu braço. — Precisamos estar a caminho de Roma logo que o sol se pôr. São apenas algumas horas de distância, mas quanto mais cedo estiver com você e sua família lá, melhor vou me sentir.

Ela olhou para ele, acariciando sua mandíbula tensa. — Tem certeza de que seus companheiros não se importarão de nos abrigar por um tempo?

— Você é minha companheira, Bella. Chiara e Pietro também são minha família. O centro de comando pode não ser uma casa adequada

para uma criança, mas de alguma forma vamos achar uma maneira de fazê-lo servir.

Seu olhar era terno sobre ele. — É um bom homem, Ettore.

— Eu quero ser, — disse ele. — Para você. E isso significa ter certeza de estar o mais longe possível do Massioni. Pelo menos até que eu possa acabar com ele de vez.

Savage ardia com o impulso de consertar sua merda pessoalmente e dolorosamente com o bastardo. Houve um tempo em que o faria.

Antes que Bella voltasse a entrar em sua vida, não pensava se era um alvo ao entrar numa situação perigosa. Nunca teve desejo de morte, mas como guerreiro, se comprometeu a servir a Ordem, e sua vida seria dispensável se significasse a diferença entre o sucesso ou o fracasso de uma de suas missões.

Tudo isso mudou agora. Bella e ele estavam ligados. Agora, se fosse ferido — se fosse morto — ela sentiria sua angústia como se fosse a dela.

Sofreria tudo que ele sofresse, assim como ele suportaria toda dor ou medo dela.

Assim, não importa quão viciosamente quisesse fazer Vito Massioni pagar por cada hora de cada ano que manteve Bella prisioneira para seu próprio ganho, Savage tinha que ter cuidado. Tinha que ter certeza de que não falharia — com ela ou com a Ordem.

Ela descansou sua cabeça contra seu peito, onde a pesada batida de seu coração latejava. — Estou com medo, Ettore.

— Não fique, — ele murmurou, dando um beijo no topo de sua cabeça. — Não vou deixar ele te pegar. Não vou deixar que pegue Chiara nem seu filho também.

— Eu sei que não vai. Mas estou com medo por você. — Ela deu uma respiração profunda e rasgada. — Se eu te perder de novo...

— Não vai. — Guiando seu olhar até o dele, Savage a incitou a ver a resolução em seus olhos. Tinha que senti-la em seu sangue agora, através do laço que os uniria para sempre. Ele deslizou sua mão em torno de sua nuca e trouxe-a para si num beijo demorado que assegurou que ela sentisse todo o amor e promessa que mantinha por ela em seu coração.

Poderia beijá-la por horas, e jurou consigo mesmo que o faria, uma vez que se assegurasse de que ela e sua família fossem devolvidas em segurança a Roma.

Sentindo que não estavam mais sozinhos, Savage virou a cabeça e encontrou Scythe parado ali. Cristo, o homem podia ser imenso e formidável, mas se movia como um fantasma.

Ele estendeu a mão esquerda, uma chave de carro na palma da mão.

— O que é isso? — Savage perguntou, girando para encarar o ex-Hunter. A chave era de um Range Rover — um novo, pela aparência. Scythe a entregou para ele.

— O caminhão em que vocês chegaram pode levá-los para onde está indo, mas isso vai ser melhor.

— Deixei o veículo a meio quilômetro de distância, na igreja. Como diabos sabia o que estávamos dirigindo?

Scythe não respondeu, e Savage imaginou que havia muito sobre o homem recluso e seus métodos que permaneceriam um mistério. Em vez de pressioná-lo, Savage deslizou o presente de boas-vindas para o bolso.

— Obrigado.

Scythe deu-lhe um leve aceno de cabeça.

— Estamos prontos! — Chiara falou detrás deles. — Me desculpe por fazer vocês esperarem.

A pequena morena tinha agarrada a mãozinha de seu filho na dela enquanto se aproximava do outro extremo do corredor. Quando se aproximaram, Savage sentiu uma mudança fria no ar. Ele não percebeu o que era até que olhou para Scythe e viu que o macho tinha ficado completamente imóvel. Seus olhos de ônix estavam ásperos, quase assombrados, sob as marcas ásperas de suas sobrancelhas negras.

Chiara deve ter sentido o frio também. Ela olhou nervosamente para Scythe, puxando praticamente o Pietro de cabelos escuros quando os passos do menino começaram a diminuir na frente do imenso Gen Um.

Mas a criança não parecia ter medo do homem sinistro. Seus pés pararam na frente de Scythe, sua cabeça pequena inclinada acima para olhá-lo fixamente num horror impassível. — Como machucou a mão?

Chiara e Bella tomaram fôlego. Inferno, até Savage sentiu uma sacudida de mal-estar quando o olhar duro de Scythe desceu lentamente para mirar no menino. Quando falou, a voz profunda do macho era tão ilegível quanto seu rosto estóico.

— Tentei ajudar alguém há muito tempo.

Pelo tom grave do macho, Savage assumiu que a mão não foi a única coisa que Scythe perdeu.

— Vamos, Pietro. — Chiara deu um pequeno puxão na mão do filho. Ela olhou para o macho grande, suas bochechas inflamadas de cor. — Eu sinto muito. Ele ainda está começando a aprender boas maneiras.

Scythe encolheu os ombros vagamente, mas seus olhos sombrios se demoraram na bonita Companheira de Raça. — Está tudo bem.

Savage limpou a garganta. — Precisamos nos movimentar. Já passou do pôr-do-sol agora, e temos muito tempo de estrada pela frente.

Enquanto falava, o som fraco de um grito de mulher subiu em algum lugar ao longe do Sassi. Scythe ouviu também. Sua cabeça escura subiu em atenção imediata.

Então outro grito soou — este mais próximo e pertencente a um homem.

Um homem que estava gritando por sua vida.

O sangue de Savage congelou com medo. — Que porra é essa?

Scythe tirou um telefone do sobretudo de couro e trouxe algo para cima no visor. Seu palavrão foi gutural, vibrando de fúria.

— Renegados — disse ele, sombrio.

Ele virou o aparelho para que Savage pudesse vê-lo. Na tela passava um vídeo ao vivo de várias câmeras diferentes posicionadas no centro da cidade de Matera. A vigilância mostrava seres humanos correndo em todas as direções, enquanto um grupo de Renegados — ele contou meia dúzia nos poucos segundos que assistiu — despejava o ataque pelas ruas.

— Oh, meu Deus, — Bella ofegou, seus olhos cheios de terror enraizados na pequena tela.

Não era a primeira vez nas últimas semanas que uma cidade era invadida por vampiros sanguinários. Graças à proliferação do Dragão Vermelho por Massioni, o narcótico que transformava dezenas de

Raças em animais com Sede de Sangue, uma violência como esta estava se tornando quase epidêmica em muitas partes do mundo.

Savage amaldiçoou violentamente.

Seu plano de sair logo já era.

Não estava prestes a arriscar a vida de Bella ou de qualquer outra pessoa, entrando no caos que corria desenfreado fora da segurança da casa. E a idéia de deixar a inocente população de Matera ser abatida por predadores sanguinários era mais do que podia suportar.

Encontrou o olhar negro insondável de Scythe e viu a mesma determinação nele.

— Tem armas extras em algum lugar aqui?

O macho deu-lhe um curto aceno de cabeça.

Mais gritos soaram em outras partes da cidade. Mais morte se aproximando a cada minuto. Se os Renegados não fossem detidos, não demoraria muito para que o ataque se deslocasse para o barranco.

Savage virou-se para Bella. Tirou uma de suas pistolas do cinto de armas e colocou-a em sua mão. — Já atirou com uma dessas?

— Não. — Ela balançou a cabeça vigorosamente, mas a preocupação que sentia atravessando seu sangue era por ele. — Ettore, o que você...

— Pegue, — ele resmungou ferozmente, dando-lhe uma rápida demonstração sobre como tirar a trava. — Aponte isto para qualquer um que chegar à porta que não seja eu ou Scythe. E pegue isso também. — Ele tirou um punhal forrado do cinto e entregou a ela. — Essa lâmina é de titânio. Vai acabar com um Renegado em segundos.

Esperava muito que ela nunca ficasse suficientemente perto de um deles para usar qualquer uma das armas, mas não ia se arriscar.

— Fique aqui, me ouviu? — Ele a agarrou, implorando com os olhos e a dura e desesperada batida de seu coração. — Voltarei para você assim que puder.

— Prometa.

Ele a arrastou contra ele e a beijou — uma breve, mas apaixonada confirmação de que não estava prestes a perdê-la quando estavam tão perto de finalmente ter um futuro juntos.

Não foi fácil soltá-la.

Mas, à medida que os gritos aterrorizados dos cidadãos de Matera continuavam a soar, sabia que tinha pouca escolha.

Se voltou para Scythe, agora seu improvável aliado. — Vamos lá.

CAPÍTULO 12

Os gritos subiam do Sassi para a cidade acima e só pareciam piorar poucos minutos depois de Ettore e Scythe saírem.

Aqueles gritos aterrorizados — muitos deles agonizantes, gritos finais — deixaram Bella estremecendo e corando. Assustada até a medula.

— Vamos ficar bem, — disse ela a Chiara e ao seu garotinho assustado, esperando que sua incerteza não aparecesse em seus olhos. Tanto quanto confiava que Ettore era um guerreiro capaz — Scythe também — eles eram apenas dois contra o que facilmente eram três vezes mais Renegados.

Se algo acontecesse com Ettore...

— Você o ama, não é? — A voz de Chiara era gentil, simpática.

— Eu o amo mais do que tudo neste mundo. Amei-o desde que era uma menina, ainda na vinha. — Ela distraidamente ergueu a mão para o lado de seu pescoço, onde ainda podia sentir o calor reivindicatório da mordida de Ettore. — Estamos casados, Chiara. Nosso laço de sangue tem apenas algumas horas de vida.

— Oh, Bella. — Chiara a abraçou. — Você merece esse tipo de felicidade. Você mais que todas as pessoas merece.

Ela merecia?

Bella não podia deixar de pensar que, se não fosse por seu dom e por Vito Massioni, Chiara e Pietro não seriam peões à sua mercê todos esses anos. Se não fosse por ela, Massioni estaria morto — liquidado por Ettore em sua missão para a Ordem.

Se não fosse por tentar resgatá-la da vila de Massioni, Ettore já estaria de volta a Roma com seus camaradas, não empurrado para mais violência e morte.

Gritos agudos soaram novamente de algum lugar lá fora.

— Mamãe! — Pietro gemeu, segurando Chiara com um alarme de olhos arregalados.

Ela apanhou-o e o silenciou com palavras ternas, balançando-o. — Está tudo bem, *piccolo*. Mamãe está aqui.

Bella estendeu a mão para acariciar a cabeça do pequeno macho Raça. — Por que vocês dois não vão relaxar no quarto dos fundos? Vai ser mais silencioso lá.

Protegidos mais profundo na caverna. Longe dos sons do caos e do massacre lá fora.

— Tem certeza? — Chiara lançou um olhar duvidoso. — Não gosto da idéia de deixar você esperando sozinha aqui.

— Vá, — Bella gentilmente a encorajou. — Vou ficar bem. E logo Ettore e Scythe estarão de volta.

Outro grito agudo rasgou a noite, surpreendendo Pietro. Ele começou a chorar suavemente contra o ombro de sua mãe. Finalmente, num gesto de desculpa, Chiara cedeu e se virou para voltar para o outro quarto.

Bella sentou-se na sala, observando as armas que Ettore lhe dera. A arma e a adaga descansavam na mesa lateral ao lado dela. Desejava ser suficientemente hábil para ajudá-lo de alguma forma. Sentir-se impotente a aborrecia, fazendo sua mente girar de um pensamento perturbador para outro.

Se levantou para passear pelo tapete, preocupando-se com Ettore. E quanto mais se preocupava, mais se perguntava se esse ataque aleatório de Renegados era realmente aleatório.

E se Vito Massioni tivesse algo a ver com isso?

Não queria pensar sobre a visão que teve antes, mas a verdade era que seu rosto hediondo estava gravado em sua mente desde então.

E tanto quanto temia a idéia de vê-lo novamente, precisava ver se podia descobrir algo mais que pudesse ajudar Ettore e a Ordem a se preparar para destruí-lo.

Levando a arma para a pequena cozinha com ela, recuperou uma tigela de pedra rústica e encheu-a com água da torneira pulverizadora. Embora Scythe não precisasse de comida ou bebida mundana para se alimentar sendo Raça, sua modesta casa aparentemente fora equipada para moradores humanos.

Ela olhou para a tigela de água, tentando ignorar toda a dor e morte acontecendo fora de seu abrigo. Concentrou toda sua atenção na piscina clara, mas nada aconteceu.

Tentou de novo, orando por alguma coisa.

Qualquer coisa.

Mas a água não lhe dava nada.

Seu dom se recusava a obedecer.

— Droga. — Ela suspirou, fechando os olhos e abaixando a cabeça em suas palmas.

Quando os abriu de novo, viu um rosto refletido na água.

O rosto horrível e desfigurado de Vito Massioni. Seus olhos sem piscar olharam para ela, o brilho âmbar deles furioso. Insano. Assassino.

Suas mandíbulas estavam abertas, mostrando os pontos gêmeos de suas presas alongadas.

— Olá, Arabella.

Oh Deus.

Não.

Ela gritou e se virou, horrorizada ao encontrar o macho Raça atrás dela. Sua mão disparou para agarrar a arma, mas Massioni foi muito mais rápido. Com apenas um movimento do braço, mandou a arma voando para o outro cômodo.

Ela tentou fugir de seu alcance, mas ele agarrou seus longos cabelos loiros e a puxou de volta. Ela bateu contra ele, seu estômago revirando pelo mau cheiro de sangue azedo e morte que se agarrava a ele.

— Não a avisei para nunca me enfrentar, Bella? — Seus braços a envolveram, fortes como aço. Seu fôlego estava quente e se espelhou em seu ouvido. — Não lhe disse que não havia nenhum lugar para onde pudesse fugir que eu não iria encontrá-la? Sua família também. — Ele estalou a língua, um som revoltante, molhado. — Acha que eu fui tão descuidado que não tomaria medidas para ter certeza disso? O rastreador no caminhão de Chiara me trouxe direto a você. Os Renegados garantiram que o guerreiro da Ordem não teria escolha a não ser deixá-la sozinha.

A náusea a inundou, não só pelo horror de seu erro, mas pela repulsividade da proximidade de Massioni. Ela gemeu, lutando em vão para soltar-se. — Me solte!

Ele riu. — Garota estúpida. Não lhe disse que haveria dor se me enganasse? Agora, haverá morte.

Bella lutou e lutou, mas não adiantou. Mesmo ferido gravemente da explosão que deveria tê-lo matado, Massioni era desumanamente forte.

Também era mortal, mas sua pele queimada e mutilada estava crua, feridas abertas ainda inundando seus antebraços apesar da enorme quantidade de sangue que provavelmente consumiu em seus esforços para se curar.

O olhar de Bella se fixou no pior dos ferimentos que mutilava a carne de seus braços. Talvez houvesse um ponto macio neste dragão afinal. Sua bile se agitou, mas ela a empurrou para cavar seus dedos tão profundamente e tão furiosamente como podia nos músculos e tendões arruinados.

Ele uivou de angústia — e quando seu aperto afrouxou em reflexo da dor, ela se jogou para longe. Tropeçando para o chão, se afastou para a sala de estar, a esperança surgindo dentro de si.

Mas foi de curta duração.

Chiara saiu correndo da câmara distante. — Bella? Meu Deus!

Seu grito quando viu Massioni trouxe Pietro para fora do quarto atrás dela.

O que aconteceu depois foi tão rápido, que Bella mal conseguiu compreender.

Num momento, Massioni estava dobrado em agonia e raiva. No próximo, tinha Pietro preso pelo pulso, segurando o menino como um prêmio. Como um pedaço de carne preso no gancho de um açougueiro.

Os olhos âmbar de Massioni ardiam ainda mais de raiva. Ele bufou e fungou, seus lábios mostrando seus dentes e presas. Havia uma loucura profunda em seu olhar transformado. Em seu rosto feral, manchado de sangue.

Ah, merda.

Ele realmente estava louco. Pior do que louco, mas ela não tinha percebido até agora.

Ele bebeu muito sangue desde que escapou da explosão.

Vito Massioni estava perdido para a Sede de Sangue.

Era um Renegado.

— Não deveria ter feito isso, Arabella. Agora, realmente vai sofrer.

Sua língua deslizou para fora, como uma cobra, enquanto olhava a criança Raça que mantinha pendurada. Então, olhou para ela enquanto ela se levantava lentamente, tropeçando para o outro quarto.

Sua cabeça se inclinou num ângulo arrepiante e exagerado. — Acho que vamos começar deixando você me ver arrancar o coração desse menino e comê-lo na frente das duas.

CAPÍTULO 13

— Acho que não, idiota.

Savage segurava uma semiautomática na mão parado na porta aberta, seus olhos se iluminaram com fúria, suas presas pulsando com a necessidade de destruir Vito Massioni em pedacinhos.

Ele e Scythe tinham se separado depois de deixar o Sassi, trabalhando o ataque de ambos os lados da cidade, a fim de conter a situação da melhor maneira possível. Savage acabava de eliminar seu terceiro Renegado da noite quando, de repente, sentiu como se seu coração estivesse a ponto de explodir de seu peito num terror gelado.

O terror de Bella.

Seu vínculo lhe dissera imediatamente que ela estava em perigo. Ele não estava preparado para o que viu quando entrou na casa segura do Sassi e se encontrou com a horrenda criatura afligida pela Sede de Sangue que o encarava agora.

— Solte o menino, Massioni.

Savage já teria aberto fogo, se Bella não estivesse de pé na linha de tiro entre ele e o macho Raça que se encontrava sorrindo.

Além disso, na condição atual de Massioni, ele era tão volátil quanto um ser humano com PCP¹. Derrubá-lo de forma limpa necessitaria de muito mais balas do que Savage tinha na pistola.

Ou uma adaga de titânio.

Infelizmente, ele tinha enterrado uma há poucos minutos no crânio de um Renegado que arrancou a garganta de uma freira dentro de uma das antigas igrejas de Matera. Sua outra lâmina tinha dado à Bella.

Não viu nenhum vestígio da arma ou da faca que lhe dera.

¹

A fenciclidina e não feniliclidina como tem no título (fenilciclo-hexilpiperidina ou fenilcicloexilpiperidina, comumente iniciado como PCP), também conhecida como *pó de anjo* ou *poeira da lua*, é uma droga dissociativa antigamente usada como agente anestésico; seu uso causa alucinações, pois tem efeitos neurotóxicos.

E não havia tempo para considerar as alternativas, já que Massioni tinha o pequeno Pietro pendurado dolorosamente pelo pulso, enquanto Chiara chorava e implorava piedade pelo filho.

Massioni zombou de Savage. — Caçando coelhos tão cedo, guerreiro? E aqui estava eu ansioso para passar um tempo com estes três.

— Você me ouviu. Solte o garoto.

Em vez de obedecer, elevou Pietro mais alto, até que a caixa torácica da criança ficasse ao mesmo nível da boca aberta de Massioni. Saliva pingava das pontas de seus dentes. — Largue sua arma, guerreiro.

Savage não se moveu. Nem piscou. Segurando firme sua 9mm, só esperava que Massioni acreditasse no seu blefe.

— Bella, — ele disse calmamente. — Saia do caminho, querida.

Massioni rosnou. — Não dê nenhum passo, Bella, ou a próxima coisa que ouvirá será os gritos deste pirralho enquanto faço um buraco em seu esterno com meu punho.

Chiara soluçou. Bella parecia igualmente miserável, mas se manteve firme. Olhou fixamente para Savage, balançando a cabeça como se para preveni-lo de fazer qualquer coisa precipitada.

Bem, foda-se. Ele faria qualquer coisa para tirá-la disso, mas de jeito nenhum queria perder a vida de uma criança inocente no processo.

Viu pouca escolha, exceto tentar pegar Massioni com a guarda baixa.

Num movimento de fração de segundo, Savage atirou, atingindo o antebraço do macho Raça.

Massioni sibilou enquanto a bala mordida sua carne devastada.

Como Savage esperava, perdeu o controle sobre Pietro. O menino caiu no chão, ileso.

Mas então, tão rapidamente, Massioni agarrou Bella e a puxou contra ele como escudo.

Ela gritou. Braços presos aos seus lados, ela lutou em vão para se soltar. O monstro que a abraçava apenas ria, parecendo deliciar-se com seu terror. Seu olhar brilhante estava cheio de loucura. E triunfo perigosamente presunçoso.

Savage não pode conter a maldição desagradável que lhe saiu numa explosão. Nunca conheceu esse tipo de medo. Nunca sentiu o tipo de horror sombrio que o varreu enquanto observava sua companheira cair resignada nos braços de seu captor.

Massioni inclinou a cabeça, aqueles olhos de âmbar loucos estudando Savage muito de perto.

— O que é isso? — Ele provocou. — Por que parece mais preocupado com essa cadela, guerreiro? Estou tomando algo que pensou pertencer a você?

— Solte-a.

Ele manteve a arma firme em seu alvo, mas sabia muito bem que nunca iria puxar o gatilho. Não quando estava olhando para o rosto bonito e assustado de Bella.

Se acontecesse alguma coisa com ela — por exemplo, se ela morresse aqui nas mãos de Massioni — ele queimaria o mundo todo à sua volta.

— Por favor, — ele disse, rígido, com muito medo de perdê-la para se importar se tivesse que implorar. — Solte-a.

Os olhos de Massioni se estreitaram sobre ele. — Você comeu ela.

Savage se eriçou com a crueza do outro homem. Queria esfolá-lo apenas por pronunciar essas palavras.

Um latido de riso saiu dos lábios rachados e empolados do macho. — Santo inferno. Você a ama. Não é, guerreiro?

Bella fez um som angustiado na parte de trás de sua garganta. Ela balançou a cabeça para Savage, e quando seus olhos se conectaram e se mantiveram, não sentiu tanto medo em seu vínculo, mas uma determinação estranha e férrea.

— Ela não me serve mais agora — murmurou Massioni. — Seu dom era a única coisa de valor para mim. Você a arruinou. — Ele encolheu os ombros. — Eu poderia muito bem matá-la agora.

Massioni agarrou-lhe o queixo com os dedos enegrecidos e manchados de sangue. Ele puxou sua cabeça para trás, e o grito afiado de Bella rasgou Savage.

Sua dor era real.

Mas seu terror se transformou em outra coisa.

Algo que disse a Savage para confiar no que estava sentindo, não no que estava vendo.

— Tudo bem. — Ele relaxou sua postura, abaixando sua arma. — Tudo bem, seu filho da puta. Você ganhou.

Massioni acalmou-se. A confusão varreu seus traços selvagens. Seu braço em volta de Bella relaxou muito ligeiramente.

Foi toda a oportunidade que ela precisava.

Torcendo-se na gaiola desajeitada de seus braços, Bella tirou a adaga que estava escondendo em sua mão e dirigiu-a com força, rapidez e impiedosamente ao centro de seu peito.

Ele cambaleou para trás, um olhar de choque em seu rosto.

Até que o veneno do titânio começou a infiltrar-se em seu sistema sanguíneo corrompido. Ele uivou, seu rosto se contraindo em descrença e agonia. Seu corpo se convulsionou, desabando no chão.

Savage estava ao lado de Bella num instante, puxando-a para perto dele — apertando-a contra si enquanto o Renegado que uma vez foi Vito Massioni começava a se desintegrar numa poça de carne e ossos que se fundia, derretendo.

Em poucos momentos havia apenas cinzas onde seu corpo estava.

Ele estava morto, e Bella estava segura.

Chiara e seu filho também passaram pela provação.

Enquanto Savage segurava Bella nos braços, ele olhou para a porta por onde Scythe tinha entrado. O ex-Hunter entrou em sua casa, seu olhar negro refletindo os sinais de luta e a pilha de cinzas ainda crepitando no chão. Então olhou para Chiara e Pietro, os dois abraçados perto, e algo atravessou o rosto do homem remoto.

Alívio, Savage pensou.

E talvez algo mais.

Arrependimento?

Seja lá o que fosse, a emoção estava lá e desapareceu num instante.

Ele deu a Savage um aceno de cabeça sóbrio, seja em confirmação do que permitiu que ele visse naquele momento, ou pelo reconhecimento de seu trabalho em equipe esta noite, Savage não tinha certeza.

Poderia tentar decifrá-lo, mas naquele momento, com Bella quente e viva em seus braços e seu coração cheio até a borda de amor por ela, a única coisa em sua mente era o bem-estar de sua mulher.

Sua corajosa, bela companheira.

Não pode conter-se ao puxá-la para um beijo.

Resistiu um pouco, recuando um pequeno gemido. — Ettore, estou uma bagunça. Tenho o sangue dele em mim... a sua impureza.

— Isso não vai me impedir de te beijar, — disse ele gentilmente. — Nada vai me impedir de fazer isso de novo.

Ele a puxou mais perto, envolvendo-a em seu abraço enquanto roçava seus lábios sobre os dela numa afirmação mais lenta, uma tenra junção de suas bocas que ainda tinha o poder de inflamar os dois — mesmo depois da provação que acabavam de suportar. Talvez por causa disso também.

Mas ela estava certa. Ela passou pelo inferno com Massioni. Não só esta noite, mas nos últimos três anos também.

Agora que o monstro não existia mais, Savage queria apagar qualquer vestígio dele na vida de Bella.

Passou a língua por seus lábios suaves num gemido que prometia mais. Com Chiara calmamente cuidando de seu filho, Savage levantou a cabeça para olhar Scythe.

— Se não se importa, gostaria de preparar uma banheira para minha senhora.

— Na verdade, prefiro uma ducha, — Bella interveio, olhando para ele ironicamente. — Sem mais banheiras, pelo menos por um tempo.

Savage riu. — Querida, o que quiser, é seu.

— Você, Ettore. — Seu olhar castanho suave se tornou sério quando estendeu a mão e manteve seu rosto em suas mãos quentes e corajosas. — Você é tudo que quero. Você é tudo que vou precisar.

— Você me tem, — ele murmurou baixinho. — Tem cada parte de mim, doce Bella. Sempre teve.

Eles se beijaram novamente, seu amor por ela subindo em seu peito, em suas veias. Através do seu vínculo.

Seu amor se entrelaçava com o dele, e a profundidade de sua conexão era tanta que quase o deixou de joelhos.

Não se importou que tivessem um pequeno público na sala com eles. Não se importava que soubessem o quão completamente adorava Arabella.

A amava.

Desejava.

Ele queria que o mundo inteiro entendesse que ela era dele.

E ele era dela... em todos os sentidos.
Para sempre.

CAPÍTULO 14

— Continue me beijando assim, mulher, e posso decidir manter você aqui permanentemente.

Bella riu e olhou para Ettore, os dois agora secos e vestidos depois de levar um tempo para se limparem juntos. — Viver numa casa-caverna Sassi e fazer bebezinhos Raça? Parece perfeitamente bom para mim.

Ettore fez uma pausa. — É isso que quer?

Ela sorriu, levantou os ombros num leve encolhimento. — A caverna é opcional.

O som que ele fez enquanto a envolvia com seus braços era de alegria e admiração. Até de reverência.

— Tem alguma idéia do quanto te amo, Arabella?

— Eu sei, — ela disse. — Porque sinto isso dentro de mim. Espero que possa sentir uma fração do amor que tenho por você, Ettore.

Seu gemido era suficiente confirmação, mas a beijou de qualquer maneira. Sua união era tão preciosa para ela, que realmente ficaria ali com ele para sempre se lhe pedisse.

Mas Chiara e Pietro estavam esperando na sala de estar lá fora.

E os camaradas de Ettore da Ordem em Roma estavam esperando seu retorno também.

Bella sabia que seu dever estava em sua mente quando a levou para se juntar aos outros. Ele esteve em contato com o centro de comando nas horas após a morte de Massioni, tanto para informá-los sobre a situação em Matera como para explicar que estaria voltando para Roma com sua Companheira e seus parentes.

Passou os dedos pelos dela enquanto a levava para a parte principal da casa de Scythe.

Os sinais do confronto anterior desapareceram agora. Chiara estava varrendo as cinzas frias do chão, enquanto Pietro estava sentado

no tapete próximo. Tinha um brinquedo na mão — um leão esculpido de pedra. Scythe se afastou do garoto, seus olhos negros assombrados de alguma forma enquanto o observava brincar com a criatura em miniatura.

O coração de Bella apertou com a visão. Quando Scythe levantou bruscamente o olhar, sentiu-se intrusiva de alguma forma. Como se tivesse invadido pensamentos privados, há muito enterrados, que o proibitivo homem Raça não tinha nenhuma intenção de compartilhar.

Ettore levantou a chave que Scythe lhe tinha dado mais cedo esta noite. — Tem certeza de que o Rover é nosso?

Ele assentiu firmemente com a cabeça. — Fique com ele. Se eu precisar de outro veículo, tenho amplos recursos para conseguir um.

— Certo. — Ettore inclinou a cabeça. — Devemos partir, então. Temos muito caminho pela frente se quisermos voltar para Roma antes do nascer do sol.

Scythe resmungou, contemplativo. — Através de meu irmão, Trygg, estou ciente de que a Ordem tem mais do que sua cota de problemas ultimamente. Se você ou seus companheiros precisarem de mais mãos no convés... — O homem sóbrio sorriu de verdade agora. — Ou mesmo apenas de uma — confio que me peçam.

Ettore riu. — Eu pedirei. Obrigado.

Scythe estendeu seu braço bom para ele. Os dois machos trocaram um breve aperto esquerdo. Então Scythe voltou seu olhar insondável para Bella.

— Tomem conta um do outro.

— Tomaremos, — ela respondeu. E se o amigo intimidante quisesse ou não, ela se levantou nas pontas dos pés para beijar seu rosto escurecido pela barba. — Obrigado, Scythe. Por tudo que fez por nós.

Ele recuou sem uma palavra ou reconhecimento, mas apesar de sua reticência, sabia em seu coração que ela e Ettore fizeram um amigo. Se necessário, tinham um aliado letal e duradouro.

Chiara e seu filho também.

Bella viu como a viúva de seu irmão recolhia seu filho do tapete onde estava brincando. Ela sussurrou alguma coisa no ouvido de Pietro, então o garoto se aproximou timidamente para ficar na frente de Scythe. Em seus dedos gordinhos estava o animal esculpido.

— Toma, — ele disse, oferecendo de volta ao macho maior.

— Fique com ele — disse Scythe, sua voz profunda baixa. — Me apeguei a isso por muito tempo. Agora é seu.

Chiara sorriu, juntando o braço em volta dos ombros de seu garotinho. — Não sei como agradecer por nos dar abrigo — ela murmurou.

— Não precisa agradecer. Basta eu saber que você e seu filho não foram prejudicados.

— Ninguém mais vai prejudicá-los, — acrescentou Ettore. — Quando falei com o centro de comando, me informaram que a explosão na villa na noite anterior matou todos os tenentes de Massioni. Sua rede está em ruínas. Meus companheiros e eu já estamos fazendo planos para esmagar toda sua organização. Ninguém virá atrás de Bella ou de sua família.

O alívio de Chiara estava claro em seus olhos. Mas havia uma nota de hesitação lá também. — Fico feliz em ouvir isso, — disse ela. — Porque decidi que não quero ir para Roma.

Bella franziu o cenho. — O que? Então para onde...

— A vinícola é minha casa, *sorella*. Lá é o meu lugar e de Pietro.

Embora fizesse sentido, o pensamento de deixar sua família para trás ainda provocava uma pontada de tristeza em seu peito. Ettore deve ter registrado o pico em suas emoções. Seus dedos vieram descansar levemente sob seu queixo, levantando seu rosto para encontrar o dele.

— Quer a mesma coisa, amor? Ir para a vinha, em vez de morar comigo no centro de comando de Roma?

— A vinha não é minha casa há muito tempo. Onde você estiver, Ettore, é a minha casa agora.

Por causa dele, sua família estava segura agora.

Por causa dele, tinha tudo que sempre quis — tudo que precisava — bem aqui em seus braços.

Fizeram suas despedidas finais para Scythe, e em seguida, levaram o seu Range Rover preto de volta à vinha em Potenza.

Horas depois, com Chiara e Pietro instalados novamente em sua casa, Ettore pegou a mão de Bella e a conduziu sob a luz das estrelas.

Ela viu seu olhar se deslocar para o elegante Pagani azul que os trouxera para este lugar há duas noites. Parecia uma eternidade desde

que ele entrou em sua vida novamente e a levou para longe do vilão que a encarcerou.

Agora, ela e Ettore tinham uma nova vida juntos.

Não podia esperar para começar.

Ele gesticulou para o carro esportivo. — Não acha que Chiara teria algum uso para isso, não é?

— Hmm. Provavelmente não — respondeu Bella, zombando da contemplação. — O Rover seria mais prático. Sem mencionar que poderia dar a Scythe uma razão para vir e ver como eles estão de vez em quando.

Ettore resmungou. — Tenho a sensação que isso pode vir a acontecer de qualquer maneira.

Ela sorriu. — Pode estar certo sobre isso. Ainda assim, um carro esportivo não vai ter muito uso aqui na vinha. E Pietro ainda está a anos de realmente apreciar esse tipo de máquina.

— Uma vergonha deixar um Pagani perfeitamente bom sem ser apreciado.

Ela sorriu para ele. — E certamente nos levará de volta a Roma muito mais rápido.

Ettore sorriu maliciosamente. — Mais rápido para Roma significa mais rápido para os meus braços novamente. E para a minha cama.

— Gostei da ideia, — ela disse, arqueando suas sobrancelhas.

— Então vamos.

Ele bateu no bumbum dela, e ambos correram para o carro esperando. Subiram sob as portas que se levantaram e em segundos o Pagani ganhou vida.

Ettore pegou sua mão, trazendo-a aos lábios. — Pronta para a viagem de sua vida?

— Oh, sim. — Bella sorriu. — Estou pronta para qualquer coisa com você.

FIM.